

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES (IARTE)

CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

JUSCELINO FERREIRA MENDES JUNIOR

CARTOGRAFIAS DE CORPOS BIXAS: o movimento de criar modos de existência

UBERLÂNDIA

2025

JUSCELINO FERREIRA MENDES JUNIOR

CARTOGRAFIAS DE CORPOS BIXAS: o movimento de criar modos de existência

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Dança.
Orientador: Prof. Dr. Alexandre José Molina

UBERLÂNDIA

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M538 Mendes Júnior, Juscelino Ferreira, 1991-
2025 CARTOGRAFIAS DE CORPOS BIXAS: [recurso eletrônico] : o
movimento de criar modos de existência / Juscelino Ferreira
Mendes Júnior. - 2025.

Orientador: Alexandre José Molina .
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em Dança.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.

1. Dança. I. , Alexandre José Molina, 1978-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Dança. III.
Título.

CDU: 793.3

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Instituto de Artes
 Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: - Bloco 3M



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Dança		
Defesa de:	DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - IARTE44083		
Data:	23/09/2025	Hora de início: 09h30	Hora de encerramento: 11:50
Matrícula do Discente:	11811DAN020		
Nome do Discente:	Juscelino Ferreira Mendes Júnior		
Título do Trabalho:	CARTOGRAFIAS DE UM CORPO BIXA: o movimento de criar modos de existência		
A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	(X) Sim () Não		

Reuniu-se no formato remoto, através do link, <https://conferenciaweb.rnp.br/sala/alexandre-jose-molina>, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Dança, assim composta:

Orientador	Alexandre José Molina
Membro da Banca	Vivian Vieira Peçanha Barbosa
Membro da Banca	Liana Gesteira da Costa
Membro da Banca	Ricarda Alvarenga Ribeiro (Artista Convidada)

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao discente a palavra, para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

(x) Aprovado () Reprovado

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre José Molina, Professor(a) do Magistério Superior**, em 23/09/2025, às 11:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Liana Gesteira Costa, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Alvarenga Ribeiro, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vivian Vieira Peçanha Barbosa, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/09/2025, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6698358** e o código CRC **023F2868**.

Dedico este trabalho a todas as bixas, viados, baitolas, boiolas, afeminadas,
queer e a toda a comunidade LGBTQIAPN+.

Gratidão pelo mundo que sustentaram antes de mim, pelas rotas que abriram com coragem e
beleza.

Que eu possa, um dia, ofertar às bixas que virão um horizonte mais amplo, uma paisagem de
mundo mais bonita e possível.

Com amor, Juscelino.

Manifesto (falo pela minha diferença)

[...]Ser covarde é muito mais duro

Eu não dou a outra face

Dou o cu, companheiro

E essa é a minha vingança[...]

[...]Minha hombridade foi difícil

Por isso nesse trem não embarco

Sem saber para onde vai[...]

[...]Ao senhor dou esta mensagem

E não é por mim

Eu estou velho

E sua utopia é para as futuras gerações

Há tantos meninos que vão nascer

Com uma asinha quebrada

E eu quero que eles voem, companheiro

Que sua revolução

Lhes dê um pedaço de céu vermelho

Para que possam voar.

(Pedro Lemebel, Poco Hombre, 2023)

AGRADECIMENTOS

Uma das partes que mais gosto de ler em um trabalho acadêmico é esta. Sem dúvida, me divirto e me emociono ao ver os rastros do caminho percorrido por alguém até finalizar uma pesquisa. A escrita costuma ter uma dimensão solitária; sinto-me sozinho em diversos momentos, mesmo não estando. Porém, é nos agradecimentos que percebo que, para além das referências bibliográficas e artísticas, uma pesquisa só se mantém de pé quando constituímos uma multidão, um coletivo que juntos sustentam uma vida.

Gostaria de iniciar agradecendo a meus pais, Osmarina Pereira e Juscelino Mendes, que, com muito amor e afeto, continuam acreditando em mim, apoiando meus desejos e vontades, mesmo quando não compreendem os motivos. Vocês são o vento que me mantém em movimento todos esses anos. É uma alegria dançar a vida a partir de vocês.

Agradeço também a meu irmão Celso Mendes e à minha cunhada Thabliny por todo carinho e, principalmente, pelo maior presente que já ganhei nesta vida: meus sobrinhos Celso Filho e Estevão. Dois pequenos que me mobilizam a querer ser algo maior e melhor para eles, duas crianças que me recordam a alegria da vida, a molecagem de ser criança e que me fazem voltar a ser criança. Amo vocês, meus pequenos.

Não posso deixar de mencionar minha tia Belinha (in memoriam), por tudo que fez por mim e pela bixa que sou. Foi a primeira da família a me acolher e dizer que tudo bem ser viado, que me amava de todos os jeitos. Ainda hoje sinto o vazio da sua ausência em minha vida; carrego comigo os pedaços do que fomos juntos um dia. Para sempre irei te amar e honrar.

Quero agradecer a meu orientador, Alexandre Molina, pelo acompanhamento durante a pesquisa, mas também pelo exemplo de professor e artista que é. Desde minhas primeiras aulas na UFU, na disciplina de Dramaturgia do Corpo I, onde começou nosso contato, percebi que estava diante de alguém ético, profissional e dedicado. Muito obrigado.

Aos professores do curso de graduação em Dança da UFU, por todo comprometimento e dedicação nesses longos anos de formação. Em especial, a Jarbas Siqueira e Patrícia Chavarelli, pela troca nas aulas e no grupo de pesquisa em improvisação em dança NEID; a Juliana Bom-Tempo, pelas orientações e pelo acolhimento na minha chegada a Uberlândia, além do grupo de pesquisa Asfalto – Texturas entre artes e filosofia; a Vivian Vieira, pela orientação e acompanhamento no projeto de Iniciação Científica; à secretária do curso, Fátima, que como ninguém esteve sempre presente na vida de discentes e docentes, resolvendo todos

os problemas necessários. Agradeço sua dedicação e paciência para conosco. À professora Liana Gesteira, pelo acompanhamento e orientação no TCC 1, muito obrigado pelo carinho e compreensão.

Aos professores ainda não citados: Vanilto Alves, Claudia Millás, Ricarda Alvarenga, Fernando Barcellos, Daniela Aguiar, Claudia Muller, Camila Soares e aos técnicos Lúcio e Alexis. Serei eternamente grato pela acolhida durante essa formação e, principalmente, por me fazerem acreditar que seria possível dançar um dia.

Agradeço ao curso de graduação em Dança da UFU por ter aberto um mundo novo para meu corpo e me feito acreditar na possibilidade de dançar uma vida. Agradeço também a todas as turmas de graduação com as quais tive aulas. Foram muitas: entrei na turma 8, mas transitei entre vários períodos, podendo assim criar diversos vínculos. Em especial, agradeço a meus amigos-irmãos Lu Luciana e Marcelo Borges e à gatinha Sami, que presenciou nossas danças enquanto morávamos juntos na housedance.

Aos meus amigos de longa data, que continuam me acompanhando em todas as transformações do tempo: Matheus, minha irmã bixa; Lorryne Furquim; Thas Leão e Renata Leão; Pedru Maia; Fernanda Moreira; Jaime Moraes; Esther Baroni e Guilherme Sampaio. Amo vocês por insistirem em permanecer comigo, mesmo com a distância geográfica que nos separa.

Aos amigos de Uberlândia Rhayne, Eduardo, Márcia Franco e Brunna Monteiro, por compreenderem minha ausência nos momentos críticos da vida e por sempre se fazerem presentes no desejo de encontrar. Vocês me ajudam a sustentar esta vida. Amo vocês.

Às bixas Claudio Zarco, Marcelo Ferreira e Bruno Ribela, por aceitarem contribuir nesta pesquisa respondendo às cartas. Tenho muita admiração e orgulho dos profissionais e artistas que são e pelo exemplo de bixa que deixam no mundo.

À Nicolle Machado e à Isis Mosquita, pela amizade e presença em minha vida desde o mestrado; à Alana Araújo, também um presente que a vida acadêmica me deu. Serei sempre grato pela amizade e pelo afeto que sustentamos ao longo dessas jornadas. Amo vocês.

Ao meu psicólogo, Diogo Rezende, que sempre me escutou e acompanhou todo o processo de escrita, com paciência e elegância. Muito obrigado por atravessar o caos comigo e pelas danças que fazemos a cada sessão.

Agradeço, por fim, a meu corpo, que me trouxe até aqui. Esse corpo bixa que, por tanto insistir no impossível, criou uma vida. Concordo com Paco Vidarte: ainda não sou a bixa que desejo ser, mas sinto que estou no caminho. Obrigado a todas as bixas do mundo.

RESUMO: Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga a constituição do corpo bixa como criação ética, estética e política, compreendendo-o como um modo inventivo de existência diante das violências produzidas pela heteronormatividade. Partindo da imagem da "bala no coração", proposta por Paul B. Preciado (2020), entende-se que a experiência da dissidência sexual deixa marcas profundas, mas também inaugura a possibilidade de criação de outros mundos e outras formas de viver. Em diálogo com Paco Vidarte (2019), a pesquisa compreende a ética bixa como um compromisso coletivo de transformar a vulnerabilidade e o fracasso imposto pela norma em potência política e comunitária. Essas perspectivas aproximam-se da noção foucaultiana de estética da existência, na qual a vida deixa de ser apenas objeto das normas para tornar-se obra em permanente criação, e da cartografia de Suely Rolnik (2016), entendida como acompanhamento dos processos de produção de subjetividade e dos afetos que atravessam o corpo. Metodologicamente, a pesquisa articula a cartografia com a escrita de cartas, assumindo o corpo do pesquisador como território de experiência e produção de conhecimento. O trabalho dialoga com os campos da dança, da performance, da filosofia e da psicologia, entrelaçando experiências autobiográficas, referências artísticas e interlocuções com artistas bixas para investigar como práticas artísticas podem produzir modos de existência desviantes da norma. Estruturado em capítulos, o trabalho percorre a experiência autobiográfica da constituição do corpo bixa, desenvolve sua fundamentação conceitual ancorada na estética da existência, estabelece trocas de correspondências epistolares com artistas interlocutores e conclui refletindo sobre o corpo bixa como produção coletiva de vida. Defende-se que assumir a marca da diferença, em vez de ocultá-la, transforma a violência em gesto criativo, fazendo do corpo bixa um território de invenção, resistência e fabulação de outros futuros possíveis.

Palavras-chave: corpo bixa; estética da existência; ética bixa; cartografia; dança; performance.

ABSTRACT: This Graduation Thesis investigates the constitution of the *bixa* body as an ethical, aesthetic, and political creation, understanding it as an inventive mode of existence in the face of the violence produced by heteronormativity. Starting from the image of the "bullet in the heart," proposed by Paul B. Preciado (2020), it is understood that the experience of sexual dissidence leaves deep marks, but also opens up the possibility of creating other worlds and other ways of living. In dialogue with Paco Vidarte (2019), the research understands *bixa* ethics as a collective commitment to transform the vulnerability and failure imposed by the norm into political and community power. These perspectives approach the Foucaultian notion of aesthetics of existence, in which life ceases to be merely an object of norms to become a work in permanent creation, and Suely Rolnik's (2016) cartography, understood as tracking the processes of subjectivity production and the affects that cross the body. Methodologically, the research articulates cartography with letter writing, assuming the researcher's body as a territory of experience and knowledge production. The study engages with the fields of dance, performance, philosophy, and psychology, intertwining autobiographical experiences, artistic references, and dialogues with *bixa* artists to investigate how artistic practices can produce modes of existence that deviate from the norm. Structured into chapters, the study explores the autobiographical experience of the constitution of the *bixa* body, develops its conceptual foundation grounded in the aesthetics of existence, establishes epistolary exchanges with intersecting artists, and concludes by reflecting on the *bixa* body as a collective production of life. It is argued that assuming the mark of difference, rather than concealing it, transforms violence into a creative gesture, turning the *bixa* body into a territory of invention, resistance, and the fabulation of other possible futures.

Keywords: *bixa* body; aesthetics of existence; *bixa* ethics; cartography; dance; performance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ney Matogrosso Figurino	35
Figura 2 - Clipe da música Um corpo sem juízo 2019	37
Figura 3 - Espetáculo Pintosas.....	39
Figura 4 - Grupo Dzi Croquetes 1974	41
Figura 5 - Folder de Apresentação do Estágio	45

Sumário

1.	INTRODUÇÃO: UMA IMAGEM PARA AS BIXAS QUE VIRÃO	15
2.	CORPO BIXA E MULTIDÕES POR VIR.....	19
2.1	DA FERIDA DA BALA AO BRILHO.....	25
3.	POR UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA BIXA: UM MODO DESVIADO DE SER	29
3.1	DO CUIDADO DE SI A CRIAÇÃO DE UM CORPO BIXA	30
3.2	A BIXA COMO OBRA	31
3.3	CORPOS EM MOVIMENTO: ARTISTAS QUE PERFORMAM UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA	33
3.3.1	Ney Matogrosso: queria ser um bicho	34
3.3.2	Jup do Bairro: Um corpo sem Juízo	37
3.3.3	Pintosas de Jessi Almeida e Anderson Vieira	39
3.3.4	Dzi Croquettes: corpos andrógenos e a arte da dissidência.....	40
3.4	VIVER COMO BIXA: CRIAR VIDAS EMARANHADAS NO COLETIVO 43	
4.	CARTAS E CORRESPONDÊNCIAS: CORPO BIXA É COLETIVIDADE, ENCONTRO E FRACASSO	44
4.1	CARTA PARA CLÁUDIO ZARCO.....	46
4.1.1	Resposta de Cláudio Zarco	47
4.1.2	Resposta para Cláudio Zarco	49
4.2	CARTA PARA MARCELO FERREIRA	51
4.2.1	Resposta Marcelo Ferreira.....	52
4.2.2	Resposta para Marcelo Ferreira.....	53
4.3	CARTA BRUNO RIBELA	55
4.3.1	Resposta Bruno Ribela	56
4.3.2	Resposta a Bruno Ribela.....	58
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CORPO BIXA QUE CRIA PARA SI OUTROS FINS.....	61

REFERÊNCIAS	64
-------------------	----

1. INTRODUÇÃO: UMA IMAGEM PARA AS BIXAS QUE VIRÃO

Este trabalho é mobilizado por uma dança interior que deseja encontrar no coletivo ressonâncias de corpos bixas. Gostaria de iniciar dizendo que tudo aqui é pessoal e político, desde a escolha do campo teórico, das artistas referências e das amigas bixas que contribuíram na construção do trabalho. Mas, sendo pessoal, também se direciona para o coletivo, pois desejo, assim como fizeram as bixas antes de mim, deixar para aquelas que virão uma imagem de mundo melhor, um respiro em meio a tantos impossíveis, uma dança do fracasso que, vista por outra perspectiva, se torna potente e geradora de mundos por vir.

O termo bixa foi utilizado durante muito tempo como forma de xingamento pela sociedade, carregando uma conotação negativa, associada a um modo de vida que não deveria ser desejado por ninguém. Quem diria que, um dia, eu o utilizaria para nomear a mim mesmo. Quando criança e adolescente, ouvia esse termo vindo de terceiros como uma maneira de dizer que meu modo de existir era inadequado: eu deveria falar grosso, andar feito homem, viver feito homem. Fracassei diante dessa expectativa dos outros. A virada significativa no modo como passei a compreender a palavra bixa aconteceu no encontro com o coletivo. Ao conviver com outras bixas que se nomeavam a partir desse termo com orgulho, afeto e alegria, vivi uma espécie de catarse. Não porque deixei de ser quem era, mas porque compreendi que nunca estive sozinho. Aquilo que eu entendia como um defeito individual revelou-se uma experiência compartilhada por tantos outros corpos atravessados pelas mesmas violências e, ao mesmo tempo, pelas mesmas potências de criação. O insulto deixou de nomear um fracasso para tornar-se um lugar de pertencimento, resistência e invenção de outras formas de existir. Ressignifiquei a palavra bixa como algo potente e libertador. Aceitei ser uma delas e, a partir desse encontro, passei a me nomear a partir desse território, desse lugar e dessa comunidade.

Escolhi, nesta pesquisa, utilizar o termo bixa, grafado com "x", como uma escolha ética, política e estética. Essa grafia subverte deliberadamente a norma ortográfica e acompanha um movimento de reapropriação de um termo historicamente utilizado como insulto contra corpos dissidentes. Ao escrever bixa com "x", alinho-me a uma tradição assumida por Paco Vidarte em *Ética Bixa* (2019) e reivindicada por artistas como Linn da Quebrada¹, para quem a

¹ Linn da Quebrada (São Paulo, 1990) é artista multimídia, cantora, compositora, atriz e ativista transexual brasileira. Em sua produção artística e musical — com destaques para o álbum *Pajubá* (2017) e o documentário *Bixa Travesty* (2018) —, investiga a linguagem, o corpo dissidente e a sexualidade como territórios de disputa, fabulação e resistência política.

linguagem também é um território de disputa e criação. Assim como os corpos bixas tensionam as normas de gênero e sexualidade, a escrita da própria palavra também desestabiliza as convenções linguísticas, transformando o insulto em afirmação e pertencimento. Além disso, ao longo da pesquisa, alterno o uso dos pronomes no masculino e no feminino, acompanhando uma prática recorrente entre as próprias bixas, para as quais a linguagem constitui um espaço de invenção, afeto e resistência. Considerando que este trabalho nasce dos encontros vividos com esse coletivo, essa escolha de escrita e de enunciação não é apenas estilística, mas expressa um posicionamento ético e político coerente com a perspectiva que orienta toda a pesquisa.

A cada 36 horas uma pessoa LGBTQIAPN+ é assassinada no Brasil, a maioria delas pessoas trans. A violência contra corpos dissidentes é um projeto político vigente, que continua a ser muito popular e aceito pela sociedade brasileira. Digo ser um projeto, pois este é o 14º ano consecutivo em que somos o país que mais mata esses corpos, mais até do que em países onde ser homossexual ou pessoa trans é crime previsto em lei. Por se tratar de um projeto bem-sucedido, é difícil imaginar que ainda não temos políticas públicas e jurídicas que combatam tais dados. Essa é a realidade em que nos encontramos. Por isso, sempre que encontramos espaços para contar essas histórias, é impossível não começar pela violência que incide sobre nossos corpos. Esses dados só estão disponíveis e publicados devido ao interesse da própria comunidade, já que são organizações não governamentais, como a Antra (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais) e o Grupo Gay da Bahia, que fazem esse levantamento, e não o Estado, que deveria ser responsável pela segurança e vida desses corpos.

É a partir desse território historicamente tensionado e permeado por violências assimétricas — que não afetam homogeneamente as múltiplas vivências da sigla LGBTQIAPN+, mas incidem de modo específico sobre a bixa — que esta pesquisa se debruça sobre a reflexão: como se cria um corpo bixa? Inspirada pela célebre indagação de Antonin Artaud — o que pode um corpo? —, esta investigação não busca uma resposta biológica ou identitária fixa, mas sim performática e política. Criar, aqui, assume o sentido deleuze-guattariano de fazer surgir novos mundos e inaugurar linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2010). No campo da dança, essa criação se materializa no ato de criar outros gestos: movimentos dissidentes que rompem com os automatismos normativos e inventam uma estética da existência capaz de subverter o sistema que violenta esse corpo. Trata-se, portanto, de pensar a produção de vida como um ato eminentemente artístico e coletivo, que engendra novos modos de viver e de se relacionar com o poder, transformando o espaço da opressão em um movimento vivo de resistência.

Costumo dizer que sou uma bixa do interior. Apesar de ter nascido na capital do meu estado, Goiás, fui criado em cidades muito pequenas. E falo do interior não só como um lugar físico, mas também como um desejo de expurgar, de colocar para fora o que se passa no meu corpo bixa. Nesse movimento, o interior se desloca para fora, e interior é também aquilo que vem de dentro, que é pequeno e bonito. Acredito ser esse meu desejo ao pesquisar e dançar uma vida bixa. Esses movimentos, não só os meus, são da ordem da resistência à heteronormatividade e ao sistema de poder que convoca corpos dissidentes a uma política de morte. Entretanto, encontramos em pequenos gestos a potência para provocar rupturas intensas e criações imprevisíveis, capazes de revelar outros modos de vida, como os que desejo cartografar nesta pesquisa.

A pesquisa se faz de forma transdisciplinar, ao dialogar com as áreas da dança, performance, filosofia e psicologia. Ao produzir um discurso sobre corpos bixas e seus modos criativos de vida, a temática engendra outros saberes importantes para pensar a construção política, poética, ética e social de corpos dissidentes. O objetivo é investigar como tais narrativas e corpos produzem criações dentro do campo da dança e da performance, a partir de artistas que utilizam a corporeidade como forma de problematizar as normas de gênero. Por meio de uma cartografia de corpos bixas, compartilho experiências pessoais e constituintes desse percurso formativo, em diálogo com o campo teórico de quem traz seu próprio corpo como forma de produzir conceitos e conhecimento. Busco estabelecer diálogo com artistas que fazem de sua prática artística uma estética da existência e, por fim, pensar a carta como um modo de fazer pesquisa.

A metodologia utilizada é a cartografia a partir de Suely Rolnik (2016). Entende-se que tal metodologia se vale da não representação e do acompanhamento de processos em curso, especialmente quando a temática está intrinsecamente ligada à vida do pesquisador. Assume-se, também, as afetações que surgem ao lidar com um tema em que a neutralidade é deixada de lado, em virtude de uma pesquisa atravessada pelo corpo e pela vida de quem a realiza.

Este trabalho se organiza a partir de uma escrita intimista e cartográfica, com o desejo de poder ser mais direto e pessoal em suas formulações. Assim, esta introdução apresenta a pesquisa e para onde ela aponta seus movimentos. No segundo capítulo, desenvolvo uma conversa sobre como foi perceber que era um corpo bixa e como isso pode ampliar o debate com teóricos de gênero e sexualidade. Acredito que, por ser um corpo dissidente, esse processo me demandava uma politização e consciência do meu lugar no mundo.

No terceiro capítulo, parto para a conceitualização e construção da ideia de que ser bixa é criar uma estética da existência. A partir de diálogos teóricos e referências artísticas, vou tecendo um campo de debate para levantar a base conceitual e artística da ideia que permeia toda a pesquisa. No quarto capítulo, assumo a escrita de cartas como procedimento de encontro e troco correspondências com três artistas bixas: Cláudio Zarco, Marcelo Ferreira e Bruno Ribela, restabelecendo a relação do coletivo como lugar de encontro e potência, trocando ideias e vivências a partir desses escritos.

Nas considerações finais, apresento o fechamento deste percurso e o horizonte político que costura a pesquisa. Espero conseguir, de alguma forma, tocar no ponto principal desta investigação, que é pensar os corpos dos artistas interlocutores que teceram esta cartografia — e o meu próprio — em seus movimentos inventivos e criadores. Que, apesar da violência que nos atravessa, esta pesquisa seja também uma celebração em direção ao futuro; uma aposta na construção de uma paisagem viável para os corpos que recusam a assimilação à norma de gênero e à performatividade do homem idealizado, e que, por essa mesma dissidência, tornam-se os alvos históricos da violência sistêmica.

2. CORPO BIXA E MULTIDÕES POR VIR...

Por muito tempo eu acreditava que ser bixa era um pecado. Criado na tradição cristã, lembro de chorar achando que iria para o inferno, que estava decepcionando meus pais e a sociedade. Porém, tive que aceitar, tentei resistir, lutar contra, até que o inevitável aconteceu: aos 12 anos, conversando com um grande amigo chamado Matheus Freire, que também dividia comigo a mesma condição de bixa, ele me afirmou que eu era bixa, como um ato de reconhecimento. Aquela foi a primeira vez que ouvi isso de alguém de uma forma não pejorativa, que não fosse carregada de culpa e medo. Quando olhei ao redor, já não estava tão só; percebi que existia um coletivo de pessoas como eu, marcadas pela diferença. Embora esse território comum seja complexo e frequentemente fraturado por disputas internas, misoginias e preconceitos que nós mesmos reproduzimos, é também nele que corpos dissidentes se agrupam como forma de sobreviverem e criarem outros mundos. Este texto é para todas, todes e todos os excluídos pela heterossexualidade, para as crianças bixas que choram com medo de serem rejeitadas, que são xingadas nas escolas. Desejo para todas vocês que sobrevivam; em breve, alguém vai lhes acolher. Esperaremos por vocês.

Lembro-me de quando era muito pequeno, morava no interior de Goiás e ainda não tinha consciência do que era ser uma bixa, um corpo transgressor, um corpo que perde direitos e territórios por não ser considerado um sujeito normal. Para Judith Butler (2018), as categorias de sujeito perpassam uma construção cultural que determina o normal e o anormal. No caso do gênero, essa relação se estabelece como uma forma de disputa de poder entre os corpos, colocando o homem heterossexual como sujeito e o restante como corpos a serem dominados. Portanto, para a autora, em seu livro *Problemas de Gênero* (2018), tal disputa de poder se dá pelo controle, limitação e coerção desses corpos que fogem da dita normalidade, partindo do ideal de que o homem branco heterossexual é o normal, valendo-se de toda uma estrutura patriarcal que garante a aplicação dos seus direitos e a punição dos corpos tidos como diferentes.

Outro ponto interessante a se pensar e conectar, e que Monique Wittig (1980) investiga em seu texto *O Pensamento Hétero*, e como a ciência construiu toda uma epistemologia baseada na heterossexualidade como ontológica. Desde teóricos da psicanálise, que desenvolveram suas contribuições teóricas baseadas em padrões edipianos e heterossexuais, até a concepção das relações humanas, fundamentadas em experiências e perspectivas de um lugar onde os homens heterossexuais são a régua contra a qual os diferentes, os outros, são medidos. É muito comum vermos tais discursos no campo científico, tido como neutro e apolítico, mas não o é. Muito

pelo contrário, esses discursos produzem a manutenção de um sistema de poder heteropatriarcal. Pois, quando meu corpo de bixa fala, é subjetivo e pessoal; quando eles falam, é neutro e universal?

A ideologia heterossexual presume o direito de todas as crianças de serem heterossexuais, dizendo defender os direitos das crianças contra a terrível ameaça da homossexualidade, da diferença. Paul Preciado (2020) aborda em seu texto *Quem Defende a Criança Queer* o direito dessas crianças *queer* de serem amadas e respeitadas como sujeitos, e não como manobras políticas para a continuidade das normas sexuais e de gênero. Olhar para essa infância a partir da cartografia de si evoca o desejo — partilhado também nas interlocuções desta pesquisa — de termos sido crianças acolhidas em nossas dissidências, mesmo quando ainda nem sabíamos nomear o *queer* ou o bixa que nos habitava. “Estão protegendo o poder de educar seus filhos segundo a norma sexual e de gênero, como supostos heterossexuais, concedendo-se o direito de discriminar todas as formas de dissidência ou desvio” (*Ibid.*, p. 73). Portanto, podemos pensar na heterossexualidade como um projeto político que tem, na sociedade e suas instituições, formas de manter o lugar de uma certa normalidade, tendo o outro desviado como aquele que baliza a relação de superioridade. Pois só podemos dizer que algo é normal se tivermos a quem apontar como anormal, desviante.

O sociólogo Michael Warner (1991) cunhou o termo heteronormatividade na introdução do livro *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*². O conceito refere-se a uma estrutura de poder que valida e privilegia apenas as relações afetivo-sexuais entre homens e mulheres, operando por meio de práticas, discursos e valores sociais e econômicos. Grupos que não se enquadram nessa norma são excluídos, têm seus direitos negados e lutam pelo reconhecimento de sua humanidade. A heteronormatividade, portanto, exerce um controle direto sobre os corpos tidos como anormais, que habitam as fronteiras da sociedade.

Diante de tal estrutura de poder, os corpos LGBTQIAPN+³ enfrentam diariamente situações de violência e exclusão. Para compreender a complexidade dessas violências, torna-se necessário diferenciar identidade de gênero — como a pessoa reconhece seu próprio gênero e se apresenta socialmente (seja cisgênero, transgênero ou não binário) — de orientação sexual, que diz respeito aos afetos, desejos e atração física e romântica do sujeito. Embora a sigla contemple ambas as dimensões, a violência não incide de forma homogênea: o grupo de

² Tradução livre do autor: O medo de um planeta queer: política *queer* e teoria social.

³ A sigla engloba Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais/Agênero/Arromânticas, Pansexuais/Polissexuais, Não Binárias e mais.

travestis e pessoas trans é o que mais sofre com os processos de extermínio. Segundo pesquisa realizada pela Unesp e USP em julho de 2022, o percentual de brasileiros adultos que se declaram LGBTQIAPN+ é de cerca de 19 milhões de pessoas⁴. O Brasil segue sendo o país que mais mata travestis e transexuais no mundo⁵, cenário que expõe a urgência do debate, como afirma Bruna Benevides ao refletir sobre identidade de gênero: “não existe lugar seguro no mundo para as pessoas que não são cisgêneras e vivem sua identidade de gênero aberta e publicamente. Quais são os privilégios que te impedem de enxergar essa realidade e tentar negar as violências?” (Benevides, 2024, p. 3).

Não é possível falar da vivência bixa sem mencionar o trabalho de resistência feito pelas travestis e transexuais ao longo da história, nem os direitos que foram conquistados, por terem se colocado na linha de frente da luta contra a LGBTQIAPN+fobia. Portanto, nós, bixas, e toda a comunidade LGBTQIAPN+ devemos a elas nossas vidas. Obrigado por tudo, e seguimos juntas e juntos nessa luta. Nessa pesquisa, vou me ater a falar da minha história enquanto um corpo-bixa, assim como Paco Vidarte coloca na introdução do seu livro *Ética Bixa* (2019). Parto de um lugar subjetivo, pessoal, um discurso problemático nos termos científicos, “sem me fazer porta-voz de ninguém” (*Ibid.*, p. 9), quem dirá de toda uma comunidade múltipla como a LGBTQIAPN+. Por isso, falo de um corpo bixa que se faz multiplicidade quando ecoa no coletivo, e tantas bixas construíram, dentro da arte, possibilidades de discurso e ações criativas frente ao sistema opressor heteronormativo. Não daria conta de falar por toda a comunidade, seria um erro, pois anularia toda a multiplicidade e diversidade que produzimos ao escapar dos moldes normativos, fabulando modos de vida que tornam possível um respiro, um gesto, uma dança.

Seguindo a ideia de criar uma vida que se produz fora da norma, o processo de produção de corpos bixas se dá na performatividade de gênero, a partir de um lugar desviante das normas sancionadas. Tais gestos produzem condições e variáveis que vão gestar esses corpos de diferentes formas e composições. Essa relação entre corpo, gesto e espaço se alinha à proposta de Oliveira, Gomes e Costa (2020), que pensam a constituição de corpos bixas a partir do

⁴ LEVANTAMENTO quantitativo pioneiro na América Latina mapeia comunidade ALGBT no Brasil. Jornal da Unesp, 24 out. 2022. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/10/24/levantamento-quantitativo-pioneiro-na-america-latina-mapeia-comunidade-algbt-no-brasil/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

⁵ Segundo o Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais no Brasil em 2023 feito pela Antra – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, durante os 7 anos que vem sendo levantado o dossiê nos anos de 2017 a 2023 foram um total de 1057 assassinatos de pessoas trans, travestis e pessoas não binários brasileiros, sendo 145 assassinatos em 2023, 131 casos em 2022; 140 em 2021; 175 casos em 2020; 124 casos em 2019; 163 casos em 2018; e 179 casos em 2017.

conceito foucaultiano de heterotopia — isto é, como espaços vivos de desvio e de refúgio que subvertem a ordem hegemônica:

esse corpo, enquanto um lugar e, em alguns casos como a bixa, uma heterotopia é lugar onde as pessoas vivem. E lá onde em uma relação de troca constante que esse espaço/corpo cria performaticamente espaços sociais. Esses não lugares podem ser vistos como contra espaços, locais onde as utopias se realizam, onde a bixa pode se tornar quem ele almeja ser sem que o seja de fato todo o tempo. Nesses lugares, que são criados e instaurados por esses indivíduos, a bixa pode estar em uma relação constante de sobreposição entre o ser e ser mulher, subvertendo a linguagem, ao se aceitar e se chamar no feminino, as convenções de gênero utilizando roupas, adereços e maquiagens que são tipicamente femininos (*Ibid.*, p. 23).

Tal processo de criação perpassa um campo ético e estético da possibilidade de fabular uma vida e tornar real aquilo que se faz possível existir. Nesse sentido, a fabulação deixa de ser uma ficção abstrata e ganha contornos de heterotopia: a concretização de espaços e corpos vivos na figura de bixas que provocam rupturas no tecido social e cultural, promovendo ressignificações (Oliveira; Takeuti, 2017) dessas corporeidades. Algo interessante a se pensar é toda uma virada semiótica dos termos utilizados:

Como a bixa como xingamento foi agenciada e transformada na bixa potência política? Pensemos na bixa enquanto uma figura conceitual— noção trazida por Deleuze (2006) —, ela teria, em si, os diversos elementos de potencialidades subversivas em uma multiplicidade de máscaras. Estas foram sendo construídas, experimentadas e ressignificadas no tempo e no espaço. Do estereótipo de bixa — que foi desenhado pela sociedade ocidental e que foi apropriado por grande parte da comunidade homossexual — até ganhar novos significados. Pensemos, então, nesse deslocamento e nessa agitação (não só de ordem semântica) até se tornar um “recurso” político. Isto é, a bixa estaria criando, no corpo, a marca da transgressão, que se faz perceptível como uma postura política, com possíveis produções de fissuras sociais. É nisso em que se constitui a desterritorialização da bixa: de agenciada à agenciadora, ela seria mais do que uma figura empírica. É uma figura conceitual! (OLIVEIRA; TAKEUTI, 2017, p. 153).

As bixas são muitas: coletivos, multidões *queer* como sugere Paul Preciado (2011), onde propõe pensar uma política *queer*, desviante, que confronta toda imposição do sistema heteronormativo patriarcal. Um levante de minorias que se encontram nas bordas da sociedade, nas fronteiras e becos de onde dizem que nunca deviam ter saído — mas que, ao implodirem esses limites, passam a ocupar radicalmente desde as cenas artísticas até a centralidade da

política institucional, como nos mostra a presença de corpos trans e dissidentes no Congresso Nacional com a deputada Erika Hilton⁶. Trata-se de um processo de desterritorialização do corpo dado como normal, que engendra a constituição de produção de subjetividade intervindo no processo de homogeneização dos corpos e modos de vida. Para o filósofo, multidões *queer* colocam em xeque o binarismo de homem e mulher, “das sapatas que não são mulheres, das bixas que não são homens e das trans que não são nem homens e nem mulheres” (*Ibid.*, p.15). O que se torna quando não se pode ter uma identidade sexual estabelecida no binarismo homem e mulher? Quando foge da lógica de reprodução? De continuidade do projeto fracassado de sociedade que somos condicionados a participar, mesmo não querendo? É justamente na recusa a esse projeto, transmutando o fracasso imposto em vitória dissidente, que inventamos novos modos de existir.

Sou uma bixa branca de classe média, porém bixa. Se não fosse por esse mero detalhe que muda tudo, poderia muito bem estar alinhado aos círculos de poder, performar a jornada do herói meritocrático que luta e consegue o sucesso tão prometido, receber homenagens por minha influência na sociedade, ser aplaudido pelos meus feitos, poder até me dar o luxo de falar e ser escutado. Os pactos narcísicos da masculinidade hegemônica garantiriam meu respeito, mas não. Como dizem, escolhi essa subvida, e ainda escolho todos os dias. A solidão que experimento aqui não se dá pela ausência de comunidade, visto que me anuncio a partir de um coletivo dissidente, mas manifesta-se como uma solidão institucional e existencial diante de um sistema que nos nega políticas públicas e direitos fundamentais. Contudo, reconheço que essa experiência de desumanização pelo viés de gênero não ocorre no vácuo: ela é profundamente amortecida pela minha branquitude e pela minha classe social, marcadores que me resguardam de violências físicas e espaciais ainda mais letais. É precisamente a partir desse lugar de fala, ciente das minhas fraturas e dos meus privilégios, que evoco o conceito de interseccionalidade, inicialmente proposto pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw e ampliado na perspectiva decolonial da intelectual Carla Akotirene (2019), que propõe pensar um certo processo de descolonizar perspectivas hegemônicas, criando uma ideia de atravessamento do Atlântico como “locus de opressões cruzadas” (*Ibid.*, 2019, p. 15).

⁶ A menção a esse cenário remete diretamente ao marco histórico e político representado por figuras como Erika Hilton, primeira mulher trans e negra eleita para o Congresso Nacional brasileiro (Câmara dos Deputados). A presença de sua corporeidade dissidente nas instâncias máximas do poder legislativo ilustra a desterritorialização e a ocupação ativa de espaços institucionais historicamente higienizados, operando como uma atualização concreta das “multidões queer” e das linhas de fuga discutidas nesta introdução.

Assim, o uso metodológico da interseccionalidade surge como uma ferramenta para descolonizar o olhar, compreendendo como as discussões de raça, classe e gênero se cruzam na potência da encruzilhada. A encruzilhada, a partir da cosmovisão dos povos iorubás evocada por Akotirene, deixa de ser uma mera metáfora geométrica e passa a ser compreendida como um operador epistemológico feminista negro e afrodiaspórico, um espaço vivo de trânsito e possibilidade. Por fim, a autora nos lembra da importância de desierarquizar as opressões, impedindo que uma categoria anule a complexidade das outras e permitindo uma leitura mais sofisticada das assimetrias que operam sobre os corpos:

Por outro lado, a epistemologia feminista negra, pensada por Patricia Hill Collins, recrimina argumentos de competição entre os mais excluídos, as hierarquias entre eixos de opressão e violações consideradas menos preponderantes. Juntos, racismo, capitalismo e heteropatriarcado devem ser tratados pela interseccionalidade observando os contornos identitários da luta antirracista diaspórica, a exemplo dos brancos de candomblé, que argumentam opressões religiosas sofridas, ignorando que os ataques impostos ao candomblé são, precisamente, ataques contra a cultura do povo negro (AKOTIRENE, 2019, p. 24).

Portanto, me situo a partir da minha condição de fala: a de uma bixa branca de classe média. A partir desse lugar mapeado e privilegiado, torna-se imperativo tensionar os limites da minha própria visualidade para não invisibilizar as mulheres negras, as travestis, as pessoas com deficiência, os trabalhadores empobrecidos e as bixas pretas. São essas corporeidades que sofrem de modo mais radical as imposições mortíferas desse (cis)tema heteropatriarcal. É nesse ponto que me implico diante do conceito de necropolítica (MBEMBE, 2018): compreendo que a engrenagem estatal e social que dita quais corpos devem viver e quais devem morrer opera de forma assimétrica, reservando às minorias racializadas e marginalizadas o alvo preferencial de sua violência e desejo de extermínio, enquanto resguarda corpos como o meu da linha direta de frente dessa política de morte.

Gostaria aqui de compartilhar o desconforto que me foi imposto e, ao mesmo tempo, de dançar a alegria de ser corpo bixa. Não quero só chorar — já chorei demais pelos julgamentos e violências da heteronormatividade. Agora danço com os meus e as minhas, corpos que transgridem a normatividade, que fazem do corpo um território de potência, de criação de uma vida que vale a pena, fugindo do esvaziamento desse roteiro colonizador de casar-se, ter filhos, comprar uma casa e carro, viajar uma vez por ano para a praia: a família da propaganda de

margarina, o sonho americano. Não, eu rejeito tudo isso e devolvo a essa engrenagem social todo o seu ideal normativo em forma de incômodo, de revolta, de amor, da alegria de ser bixa.

2.1 DA FERIDA DA BALA AO BRILHO...

Tento, de forma ontológica, retomar e reconstituir fragmentos do processo de tornar-se bixa. Faço tal aproximação com o pensamento de Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo* (2009), onde a autora provoca a reflexão de que a categoria mulher é algo construído social e culturalmente, divergindo da ideia de naturalidade e universalidade da mulher. Acredito que tal processo se aproxima do que tenho chamado de produção e criação de um corpo bixa, de como cada encontro, afetos e desafetos, construíram possibilidades de fazer vazar, de fugir da norma, do sucesso heteronormativo e patriarcal. Um olhar amoroso para encontros que tornaram possível viver e tornar-me a bixa que hoje sou e ainda me faço a cada dia.

Ser bixa é ter uma ferida aberta, que todos sentem liberdade de tocar, por vezes, sinto que meu corpo não é meu, é do outro, do estado, das instituições, daqueles que usam dessa ferida para controlar e negociar qual vida posso ter, e não posso reclamar, apenas receber o que de bom grado ganhei deles, bem-feitores tão simpáticos que permitem a conta gotas viver uma vida medíocre. Paul Preciado (2020) em seu texto “A Bala”, conta que “a homossexualidade é um franco-atirador silencioso que coloca uma bala no coração das crianças que brincam nos pátios, sem se importar se são filhos de reacionários ou progressistas, de agnósticos ou católicos integristas” (p.108), mais adiante acrescenta, “a transexualidade é um franco-atirador silencioso que dispara direto no peito das crianças que se olham no espelho ou daquelas que contam os passos quando caminham” (*Ibid.*, p. 108). A bala deixa uma ferida em quem a recebe, sigo com essa ferida aberta e exposta, fui atravessado por este texto de forma muito sensível e filosófica, é como se olhasse no espelho e pudesse mostrar a cicatriz que deixou no meu coração. O filósofo torna a dizer dos que tem coragem de olhar a ferida de frente, que para estes a bala se torna uma chave mestra que “abre porta para mundos nunca vistos” (*Ibid.*, p. 109), porém, outros vivem como se não tivessem ela dentro de si, e outros morrem por ter levado a bala. Por fim, o texto finaliza dizendo “agora falo a vocês, **crianças da bala**, e digo: a vida é maravilhosa, estamos esperando vocês, nós, os caídos, os amantes do peito perfurado. Vocês não estão sós” (*Ibid.*, p.110 grifo nosso).

Eu sou uma criança da bala, que foi atingido na infância, de forma brutal e violenta. A primeira vez que ouvi falar de bixas foi em piadas constrangedoras contadas na roda de adultos, sempre usando como um modo de vida inferior, que merece ser humilhado publicamente. Morava em uma cidade pequena, no interior de Goiás, chamada Cachoeira de Goiás. Havia uma bixa afeminada na cidade, que usava short curtos, roupas coladas e jogava vôlei, ela tinha um grupo de amigos, lembro de ver eles jogando vôlei no ginásio da cidade. Um dia, uma tia, percebendo meus trejeitos afeminados, me disse: “Cuidado para não ser como ele”. Só depois de mais velho fui entender o que ela estava dizendo. Fiquei com medo do alerta, cuidei de todas as formas para que não me tornasse como ele. Falhei, ainda bem que fracassei. Ali, foi quando senti a bala da qual nos fala Preciado, da marca deixada no coração de uma criança bixa. Não foi um alerta de cuidado, e sim para que não envergonhasse minha família. Depois de adulto, quando entendi o que foi essa intervenção, perdi o carinho por essa tia, a conexão que tínhamos quando criança.

Ainda criança, me contam, pois não me lembro, que eu dançava a música na “boquinha da garrafa”, sucesso dos anos 90 da banda É o tchan, fazia com que todos ficassem a minha volta para ver a dança, algo tão banal, mas que com o tempo foi se perdendo. Sempre gostei de dançar, na escola, já na adolescência, disputava concursos e montava coreografias para apresentar em eventos da escola, ganhamos o concurso uma vez com nosso grupo, foi incrível. E assim, a cada passo, a cada gesto, a ferida se transformava, se tornava mais forte e pulsante. Enquanto escrevo, hoje, dia 7 de Abril de 2024, vejo a notícia de que um policial na cidade de São Paulo agride a luz do dia uma jovem LGBTQIAPN+ no metrô, as pessoas assistem sem ao menos se espantar com tamanha brutalidade do estado para com nossos corpos, ela também é uma criança da bala, e ao longo dessa escrita tantas outras serão violentadas, porém, o que eles não sabem é que podem até nos violentar, matar, mas jamais irão acabar com as crianças da bala, somos muitas, e temos algo que eles não têm, o poder de criar mundos que brilham no escuro.

Bixa, bichinha, viado, baitola, afeminada, invertido, entendido, sodomita, maricona, fresco e tantos outros nomes usados para inferiorizar nossos modos de vida. Gosto de bixa, pois, foi como fui chamado ao longo de tantos anos, antes como xingamento e hoje como afirmação de vida. Na busca por acolhimento e identificação, encontrei meu primeiro grande amor: o vôlei, foi lá com as manas que fiz as primeiras amizades bixas, encontrei um território, onde podia dar pinta, ser afeminado. Na época tinha 12 anos, ainda relutava com a orientação sexual, via nos meus amigos uma luta que travamos juntos, de se aceitar, de se afirmar contra o sistema.

Os anos se passaram e depois de um tempo, de resistência, um amigo me disse o que o mundo tinha me gritado de forma violenta: “você é bixa!”. Aquilo ecoa em mim até os dias hoje, senti o acolhimento que tanto buscava de alguém que sabia o que significava ser bixa.

Ainda na escola, agora com 14 anos, enfrentava muitas dificuldades com as matérias, notas baixas, estava nervoso e inquieto. Meus pais foram buscar ajuda com uma psicóloga, aí começou meu processo de análise, que segue até hoje. Pude expressar de forma clara o que sentia, fui acolhido pela profissional e fiquei com ela até entrar na idade adulta. Sinto que entrar na terapia foi um modo de me preparar para o que viria adiante, ter um espaço seguro. Gostaria que todas as pessoas LGBTQIAPN+ tivessem tal suporte, porém não é a realidade. Durante a pandemia de COVID-19⁷, 55% da população LGBTQIAP+ tiveram uma piora na saúde mental. As **crianças da bala**, como aponta Preciado ao evocar a infância alvo de constantes agressões, ainda hoje estão desamparadas. Se não for por nós, quem irá cuidar delas? Esse cuidado se faz urgente e se constrói na criação de redes comunitárias de afeto, em espaços seguros de escuta na educação e na arte, e na luta por políticas públicas que garantam o direito de existir sem medo.

A primeira vez que fui a uma festa LGBTQIAPN+ foi em 2008. Na época se chama festa GLS. Vemos no aumento da sigla o quanto o debate acerca da comunidade foi se modificando ao longo dos anos, percebendo a necessidade de acolher outras possibilidades de sexualidade e gênero. Entretanto, a luta continuava a ser marginalizadas para alguns grupos como travestis e transexuais. Ao perceber o poder de compra do grupo, diversas marcas e empresas começaram a se interessar pela comunidade, de modo a ofertar produtos e serviços especializados, hoje chamamos de *pink money*. Ainda na década de 90 a homossexualidade foi retirada dos manuais diagnósticos que a tratavam como doença, a transexualidade só foi retirada no ano de 2019. A luta continua até os dias atuais, novas expressões de gênero têm se apresentado, por isso, aos poucos a sigla foi aumentando, chegando hoje a LGBTQIAPN+, tendo o sinal de mais como uma abertura para novos modos de vida que virão pela frente, possibilidade de expressão e sexualidade que não irá se esgotar. Voltando a festa, estava ansioso e com medo, nunca tinha ido, medo de ser visto, se lido como um deles, menti para meus pais que iria dormir na casa de uma amiga. As festas eram em cabarés localizados nas extremidades da cidade, outros espaços não aceitavam esse tipo de festa. Foi a primeira vez que vi um show

⁷ 55% da população LGBTQIA+ teve piora na saúde mental na pandemia, diz estudo. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/55-da-populacao-lgbtqia-teve-piora-na-saude-mental-na-pandemia-diz-estudo/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

de drag queen, bixas e lésbicas se beijando, todos se embebedando da alegria do proibido, na escuridão da noite.

Depois disso não teve volta, afastei de amigos heteros, da igreja e de qualquer espaço que não suportasse a brilho de uma bixa. Fiz tantos amigos e amigas no caminho, sinto que carrego comigo um pedaço de cada uma dessas crianças da bala que foram corajosas de aceitar a ferida de ser diferente, e sinto uma tristeza por aquelas crianças que não puderam ou não podem viver essa vida, de qualquer forma, todas fazem parte do que fui e que serei.

Por fim, lembro-me do dia em que disse à minha mãe que eu era diferente, estava com 17 anos. Chorei muito, pois sentia o peso de decepcionar meus pais. Aconteceu como minha tia havia me alertado na infância: acabei me tornando igual àquela bixa. Hoje, compreendo a alegria que ela exalava. Não sei o seu nome, porém, onde quer que esteja, desejo que continue a ser a bixa maravilhosa que foi para mim.

3. POR UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA BIXA: UM MODO DESVIADO DE SER

Quando era criança, lembro dos adultos sempre perguntarem o que eu seria quando crescesse. Aquilo, de alguma forma, me indicava um momento de passagem, de incompletude, pois ainda não era alguma coisa. Respondia, num primeiro momento, que seria policial como meu pai. Depois, dizia que seria cantor, jogador de futebol, depois de vôlei. Aos poucos, pensava que seguiria meu desejo do momento; porém, na adolescência, ainda em processo de formação, comecei a traçar outros caminhos. Ser bixa me atravessou de uma maneira que, por um tempo, nem pude sonhar com nenhuma profissão que fosse. Aos poucos, o sonho de ser alguém se diluía na condição de ser um corpo bixa.

Naquele momento, ainda não sabia que teria que criar uma vida bixa. Não compreendia como seria possível ser bixa num mundo tão duro e preconceituoso, como sobreviveria, se seria expulso de casa. Costumo pensar que, no primeiro momento, tive medo, pois sentia que o mundo seria violento — e ele é — com corpos desviados. Hoje, coaduno com o que Paco Vidarte (2019) fala a respeito das crianças bixitrans, que deveriam responder, quando perguntadas a respeito do que serão quando crescer:

Quero ser sapa, bixona, transexual. Quero poder me tornar um sujeito político real, capaz de intervir na sociedade a partir do meu ser lésbico. Estou me lixando se, depois, a inércia das coisas me levar a ser bombeiro ou DJ: isso é accidental. Quando for adulto gostaria de estar pleno e viver solidariamente a bixa que trago dentro de mim. Se em algum momento da vida me esqueço disso e me torno um taxista com práticas sodomitas, advogada cola-velcro, bombeiro travesti e acabo pensando que a minha vida sexual é privada e o que o verdadeiramente socializável e público é tudo o que depende do meu status, da minha classe, da minha situação laboral, dos meus laços familiares, então deixei na sarjeta a lésbica bixa maravilhosa que ainda não sou, mas adoraria chegar a ser quando for adulta (*Ibid.*, p.31-32).

É por buscar viver plenamente e me tornar essa bixa maravilhosa invocada por Vidarte que tento, por caminhos errantes e tortos, cocriar a realidade e engendrar uma existência bixa plena de função social e política, na relação com a arte e vida. Desejo construir um modo de vida que subverta a heteronormatividade dominante e transforme o fracasso e o desvio da norma em gestos de criação — uma verdadeira estética da existência. Assim, viver como bixa deixa de ser apenas sobrevivência e passa a ser uma forma de resistência aos modelos performativos

de gênero. Ao produzir esse modo de vida desviado, criamos formas inventivas e libertárias de viver, sentir e estar no mundo, convocando aliades capazes de sustentar os territórios coletivos de uma vida queer.

3.1 DO CUIDADO DE SI A CRIAÇÃO DE UM CORPO BIXA

Ao ser colocado fora da norma, diversos corpos e existências foram empurrados de forma violenta a um processo de criação forçado: quando nada mais é possível, foi preciso tornar real o impossível. É a partir dessa possibilidade que vejo o corpo bixa como um processo criativo, ao mesmo tempo ético, estético e político:

Ético porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber): ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. Estético porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte. Político porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir. (ROLNIK, 1993, p.7).

É a partir dessas marcas que podemos engendrar a criação de uma vida bixa. Para isso, recorremos ao conceito de cuidado de si proposto por Michel Foucault (1985; 2010) em sua última fase teórica. Ao observar como a filosofia ocidental priorizou o imperativo conhece-te a ti mesmo, o filósofo resgata as práticas da antiguidade greco-romana para analisar como a dimensão do cuidado de si foi historicamente obscurecida.

Para Foucault, o cuidado de si constitui uma atitude ética, estética e política que se concretiza pelas práticas de si — exercícios corporais, escritas, meditações e modos de subjetivação voltados ao cultivo do próprio sujeito. É nessa articulação que emerge a estética da existência: a transformação da própria vida em obra de arte. Esse movimento desdobra-se em uma potente linha de fuga, um desvio voluntário do assujeitamento e das normatizações que tentam capturar os modos de vida (FOUCAULT, 1991).

Entretanto, é importante destacar o modo como esse cuidado não se limita a um exercício narcísico de autoconstrução, como tem sido proposto pela meritocracia neoliberal vigente. Muito pelo contrário: “tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (*Ibid.*, p. 41). Essa dimensão social se materializa na necessidade de redes de mediação e alteridade: a escuta analítica, o compartilhamento de narrativas de si, a troca epistolar e a criação de territórios coletivos de afeto e resistência, como a dança e o acolhimento comunitário. Cuidar de si, portanto, exige a presença do outro; é um exercício ético que se fortalece no laço social para produzir formas coletivas de existência e invenção de si.

Por ser uma prática social que se alinha ao movimento coletivo dos corpos LGBTQIAPN+, o corpo bixa — ao criar-se na relação com seus pares, também desviados — produz um outro modo de estar no mundo. Por fim, esse movimento desagua na produção de uma estética da existência (Foucault, 2010): um modo de vida libertário na medida em que se emancipa das amarras do assujeitamento heteronormativo, da masculinidade hegemônica e do destino pré-escrito pela norma. Trata-se de uma libertação das capturas do biopoder para criar possibilidades de invenção de si, devolvendo ao mundo uma ética fundada no afeto coletivo e no cuidado mútuo. “Assim, surge a vida como questão, como objeto de uma arte, de uma prática, de uma estética, possibilitando modos de vida diferentes, coletivos ou individuais” (Figueiredo, 2010, p. 293). Ainda que o cuidado de si, em sua dimensão ética e filosófica, não tenha gênero nem classe — ou ao menos não devesse ter —, é na fratura da norma que a bixa se cria, se transforma e performa uma vida. Assim, democratiza-se o cuidado ao convertê-lo em uma linha de fuga e em uma recusa ativa aos modos de vida heteronormativos.

3.2 A BIXA COMO OBRA

Atravessado por esse conceito do cuidado de si, pode-se pensar o corpo bixa inserido em um projeto ético e estético: a vida como obra (FOUCAULT, 2010), na qual a existência não é um dado passivo, mas uma matéria moldável que se esculpe ativamente a partir da própria criação. Assim, emergem modos diversos de ser em que a bixa se faz e refaz, compreendendo a multiplicidade implicada nas composições plurais dos corpos desviados. Ao propor um desafio à norma e ir contra a correnteza de uma vida subjugada, essa vida se torna uma dança, uma performance e um gesto político de existência.

É preciso salientar que esse movimento de resistência vindo de corpos LGBTQIAPN+ não é algo apenas da ordem moral de uma sociedade pautada na sexualidade normativa, mas um processo de sobreviver à violência que incide sobre esses corpos. A artista interdisciplinar Jota Mombaça (2021), em seu livro *Não vão nos matar agora*, relata como essas violências foram aplicadas em seu corpo. Sendo uma travesti negra, Mombaça articula a relação entre corpo e monstrosidade diante do projeto colonial contemporâneo.

A artista aborda o modo como esses corpos têm suas vidas quebradas e estilhaçadas por esse projeto político de disciplinarização, formulado por Foucault (1988) a partir dos dispositivos de saber-poder e de sexualidade que capturam e regulam as subjetividades. Ocorre que, diante de tais vidas quebradas, esse sujeito não se vincula mais pela ilusão de uma integridade, mas sim pela sua “incontornável quebra” (MOMBAÇA, 2021). Por essa razão, torna-se necessário refundar um modo próprio de estar no mundo: “E como isso remonta à cena da quebra, à hipótese de que não é na plenitude ontológica, mas na multidão de estilhaços que se produz a possibilidade de um outro modo de existência em conjunto?” (*Ibid.*, p. 23).

É somente fazendo vazar algo que podemos pensar em outros modos de vida como uma possibilidade de sobrevivência dos corpos queers, utilizo aqui a ideia de uma teoria *queer* como coloca Guacira Lopes Louro (2001, p.546), “significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier”. A autora relata em sua pesquisa acerca da teoria e sua aplicação no Brasil, de como o movimento foi cooptado por alguns setores conservadores, no sentido de uma retomada dos valores tradicionais da família, ou seja, da continuidade do projeto político de heteronormatividade, seria “[...] necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão” (*Ibid.*, p.549). Ao reelaborar outro discurso, a autora propõe a criação uma política pós-identitária que seja uma recusa a norma e aos binarismos, e um convite a criação de novos modos de existência, que se crie nas fronteiras.

Seguindo o rastro de Foucault e observando como esse conceito da estética da existência se encontra com as vidas *queers* e os corpos desviados, Richard Miskolci (2006) aborda o processo de produção de subjetividade atrevesado pelas tecnologias de gênero — tais como os discursos médicos, as mídias, as pedagogias escolares e as normas de vigilância corporal que impõem o binarismo e a heterossexualidade compulsória — e o que pode surgir da sua recusa: “essas experiências têm compromisso com mudanças que levam à criação de novos estilos de

vida baseados em uma ética capaz de criar subjetividades mais libertárias e, a partir delas, novas formas de sociabilidade” (*Ibid.*, p. 689). Entretanto, essa transgressão à norma é um modo de resistir ao processo de captura e controle dessas tecnologias, permitindo que algo escape, movendo-se das fronteiras para o centro e juntando os estilhaços em um novo modo de relacionar-se consigo e com o mundo.

O ponto de onde emerge a estética da existência não é a sexualidade, antes a transgressão que ela pode instaurar diante dos modelos relacionais existentes. A constituição de novas relações para consigo e para com os outros é uma forma de resistência que exige um esforço de desenraizamento, descorporificação, ou seja, de rejeição das oposições aprisionantes entre masculino e feminino, corpo e identidade, assim como a mais conhecida de todas: a oposição entre corpo e alma (*Ibid.*, p. 691).

Portanto, é apostando nesse movimento criativo que os corpos LGBTQIAPN+ resistem aos processos violentos de imposição das normas de gênero — que excluem e deixam marcas —, tencionando a possibilidade de uma vida como a única forma de fazer algo vazar. No coletivo desses corpos reside a potência criativa: o corpo como território de expressão de uma vida subjugada, daqueles que vivem nas bordas e agora dançam e performam a própria existência. Para materializar e adensar essa discussão, aproxima-se, a seguir, o trabalho de artistas que fazem de sua arte um ato radical de resistência e criação de mundos.

3.3 CORPOS EM MOVIMENTO: ARTISTAS QUE PERFORMAM UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

Apreendi com a comunidade LGBTQIAPN+ a buscar referências fora da norma, tanto artísticas quanto pessoal, nessas buscas encontrei diversas amigas e aliados, que me ensinam a buscar no movimento outras perspectivas de mundo, a devolver certos incômodos, a inventar outras vidas. Aqui, gostaria de agradecer a estes artistas e coletivos pelo que deixaram para nos corpos bixas, selecionei alguns artistas e coletivos que a meu ver, foi possível produzir outros modos de existência, a partir de seu corpo e do movimento.

É na arte, como território de fabulação e movimento político, que esses corpos liminares deslocam o questionamento de gênero e sexualidade para o centro do debate. Ao desafiar as

políticas do corpo e as normas de seu tempo, figuras e coletivos como Ney Matogrosso, os Dzi Croquetes, Jup do Bairro (em *Um corpo sem juízo*) e a obra *Pintosa* (de Jessi Almeida e Anderson Vieira) inscrevem-se como pioneiros na história queer. Mais do que meras referências estéticas, suas narrativas e performances corporais operam como contradispositivos: desorganizam o roteiro normativo e convocam novas formas de sentir, fabular e sustentar a existência no presente.

3.3.1 Ney Matogrosso: queria ser um bicho

O artista Ney Matogrosso é conhecido por sua atuação como cantor, dançarino, diretor e intérprete. Sua carreira artística começou mais tarde, e ele teve relações complicadas com seu pai devido à sua sexualidade. No entanto, nunca gostou de se colocar em definições, gostava de dizer que era livre e que buscava relações libertárias. O que é interessante no efeito que sua arte teve na sociedade foi como seu corpo compunha uma figura dúbia, que não correspondia às expectativas nem do sexo masculino nem do feminino. E foi apostando nessa confusão que seu corpo criava uma dramaturgia desviante.

Recentemente, um filme sobre sua vida foi lançado, chamado "*Homem com H*" (2025), onde conta sua trajetória da infância à vida adulta. Acho que é algo muito importante para nossa comunidade manter a memória desses artistas vivos, saber da importância que eles tiveram e que trilharam um caminho que hoje nós andamos por ele. Ney utilizou o corpo fantasiado com objetos e pintura corporal para produzir uma imagem que fosse um híbrido com a natureza, e ao mesmo tempo foi acusado pela censura da época de ser feminino demais, sexualizado demais.

⁸ *HOMEM com H*. Direção: Esmir Filho. Produção: Paris Entretenimento. Brasil, 2025.

Figura 1 - Ney Matogrosso Figurino



Fonte: Madalena Schwartz / Acervo Instituto Moreira Salles

De forma performática, o artista acabou por criar um modo de vida, inspirado em bichos e insetos, sua relação com a natureza, suas performances operava uma transgressão as normas vigentes, ainda mais se situar o momento que o Brasil vivia na época dos anos 70 em plena ditadura militar. Por isso, seu trabalho se torna potente e político, foi capaz de desafiar a heteronormatividade. O que podemos conectar com a ideia de uma estética da existência, guiada por uma ética que versa sobre um modo de vida libertário. Em uma entrevista para a BBC disse: “quero ser lembrado pelo que fiz na Terra e que as pessoas se lembrem que a minha vida inteira eu lutei pela liberdade e não admito viver com menos que isso. Não suportaria viver com menos que isso⁹”.

⁹ “Dizem que não carrego a bandeira, mas a bandeira sou eu”, diz Ney Matogrosso sobre movimento gay. Terra, 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/dizem-que-nao-carrego-a-bandeira-mas-a-bandeira-sou-eu-diz-ney-matogrosso-sobre-movimento-gay,90d0aa51d88ac5a10e68653d79201ce4o9hrrlze.html>. Acesso em: 21 jun. 2025.

Em um documentário promovido pelo Itaú Cultural chamado discoreografia – Música, Dança e Blá, Blá, Blá (2015)¹⁰, a artista Elisabete Finger conversa com Ney Matogrosso sobre dança, performance e movimento. O artista mostra uma certa resistência a se intitular dançarino, apesar de toda sua trajetória. Ele relata que pensava nas imagens como algo que pudesse ter vários significados, parecer muitas coisas, que mudava de forma com o movimento de seu corpo no palco. Recorda como, no início, sua voz era confusa, as pessoas ouviam no rádio e não sabiam se era homem ou mulher, e o artista afirma que nunca foi proposital; era o jeito da sua voz. Com uma voz destoante do masculino, começou uma busca pelo movimento dos quadris, parte do corpo carregada de tabu, algo que era tido como proibido para um corpo dito masculino, e inicia-se o processo de uma dança inventada.

A nudez do corpo também era vista como algo intransigente, afrontava a moral violenta e conservadora da época. Outro ponto interessante é que o artista diz que seus shows funcionavam como uma espécie de fuga para as pessoas, destoava do cotidiano e possibilitava um respiro. Por fim, Elisabete diz que, mesmo não se entendendo dentro dos campos da dança e performance, o que foi criado por Ney conversa muito com esses campos. Dentro do campo da dança, o artista acabou por inventar um modo de dançar que poderíamos chamar de o "jeito Ney Matogrosso de se movimentar".

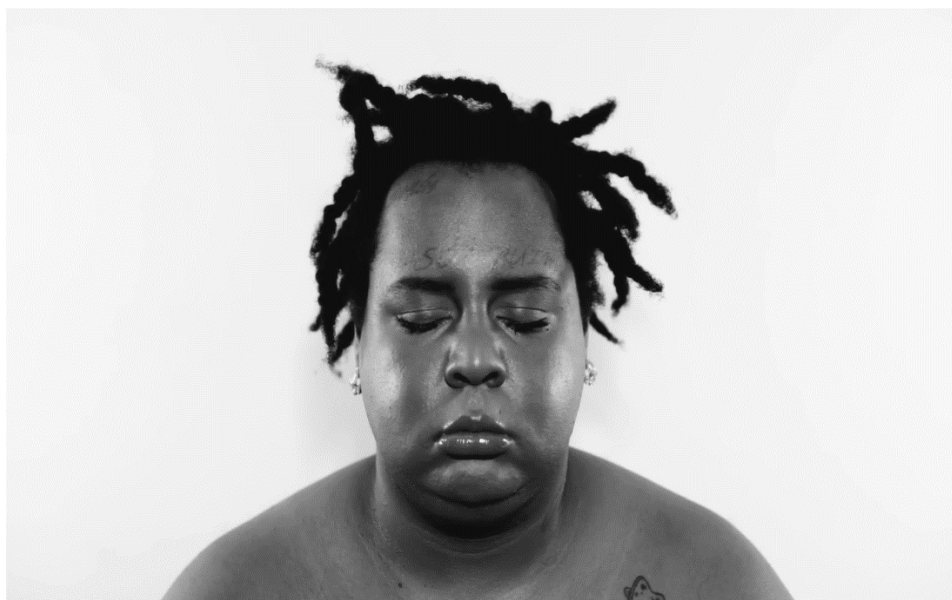
Assim, Ney Matogrosso performou e foi capaz de criar para si e para o mundo uma estética da existência, um modo de vida singular comprometido com a liberdade, desafiando os padrões de gênero, corpo e sexualidade. Seu corpo em cena foi capaz de romper com o que era dado aos papéis de gênero, criando um corpo que é uma espécie de bicho, algo indeterminado. Ao olhar sua vida, podemos pensar e fabular outros mundos, é possível. Algo que era irreal se torna real com a ousadia de desafiar as normas de gênero, não só por viver como um homem que se relaciona com outros homens, mas por colocar a dúvida, por deslocar o corpo masculino de uma ideia do que deve ser aquele corpo.

¹⁰ NEY Matogrosso – "Discoreografia – Música, Dança e Blá-Blá-Blá" (2016) - programa 24. Publicado pelo canal Itaú Cultural. 2016. 1 vídeo (44 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F-GPxhI63zg>. Acesso em: 21 jun. 2025.

3.3.2 Jup do Bairro: Um corpo sem Juízo

Convoco aqui mais uma artista brasileira que faz da sua prática performática um modo de fazer política: Jup do Bairro é uma multiartista brasileira, travesti preta, com atuação na música, cinema e performance, natural de Capão Redondo, parte da periferia da grande São Paulo. Sua atuação se volta a colocar o problema da transgressão como uma forma de contestação dos binarismos e do racismo na sociedade.

Figura 2 - Clipe da música Um corpo sem juízo 2019



Fonte: Frame do Clipe no youtube¹¹

A artista lançou em 2020 seu álbum intitulado “Corpo sem Juízo”¹², onde ela aborda diversos temas que fazem parte da sua vida, das vivências que deixaram marcas em seu corpo. Neste álbum, ela faz uma metáfora com a ideia de transgressão como o processo de vida e morte de uma lagarta. Jup afirma que em sua vida teve diversas mortes e renascimentos, algo que podemos interpretar como o ato de inventar uma existência para si. Ela se viu na urgência de

¹¹ JUP DO BAIRRO - Corpo Sem Juízo prod. BADSISTA (Áudio Oficial). Publicado pelo canal Jup do Bairro. 2020. 1 vídeo (3 min 38 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6il3RlZSlgM> . Acesso em: 4 set. 2025.

¹² JUP do Bairro nega rótulo de "música LGBTQIAPN+" e defende que artistas trans não são onda. Marie Claire, 2021. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2021/02/jup-do-bairro-nega-rotulo-de-musica-LGBTQIAPN+-e-defende-que-artistas-trans-nao-sao-onda.html> . Acesso em: 21 jun. 2025.

encontrar formas de ser e estar no mundo, contrariando as normas vigentes e fugindo do céu cristão prometido quando era criança. Ela pensa seu corpo como uma potência de criação.

Gostaria de destacar aqui uma de suas músicas, intitulada "O que pode um corpo sem juízo?". Nesta canção, Jup questiona e reflete sobre as possibilidades e resistências de um corpo que desafia as convenções e juízos sociais, reafirmando a capacidade de autodeterminação e expressão livre, independentemente das expectativas impostas pela sociedade.

O que pode um corpo sem juízo?
Quando saber que um corpo abjeto se torna um corpo objeto e vice-versa?
Não somos definidos pela natureza assim que nascemos
Mas pela cultura que criamos e somos criados
Sexualidade e gênero são campos abertos
De nossas personalidades e preenchemos
Conforme absorvemos elementos do mundo ao redor
Nos tornamos mulheres ou homens, não nascemos nada
Talvez nem humanos nascemos
Sob a cultura, a ação do tempo, do espaço, história
Geografia, psicologia, antropologia, nos tornamos algo
Homens, mulheres, transgêneros, cisgêneros, heterossexuais
Homossexuais, bissexuais, e o que mais quisermos
Pudermos ou nos dispusermos a ser
O que pode o seu corpo?¹³

Na letra, podemos ver como a artista questiona a ordem heteronormativa da sociedade ao afirmar que somos constituídos pela cultura e não pelo gênero definido ao nascimento. Ela sugere que podemos preencher nossas experiências de vida com nossas vivências pessoais. Ao fazer tal movimento, pode-se pensar na produção de subjetividade que gesta um modo de vida libertário, como é proposto pela estética da existência em Foucault (2010). Outro ponto interessante a ser colocado é pensar a potência do corpo, entender sua extensão como algo a ser criado e experimentado. Parece ser uma proposta bem espinosista a partir de sua provocação sobre o que pode um corpo? Deleuze (2002) faz uma análise da obra do filósofo Espinosa acerca do que entende por corpo e propõe pensar o corpo não a partir do que ele é capaz fisicamente, mas sim pela sua afetividade, ou seja, pela capacidade do corpo de afetar e ser afetado, o que seria orientado por uma ética com a vida.

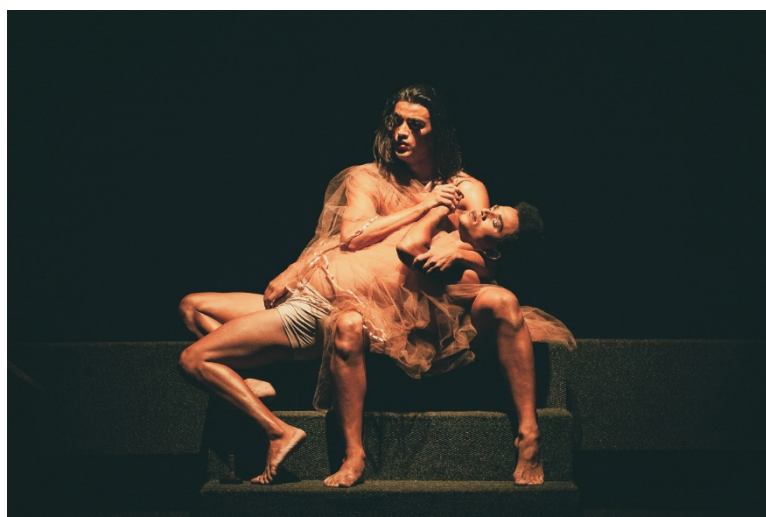
¹³ O QUE Pode Um Corpo Sem Juízo? Composição: Jup do Bairro. Letras.mus.br, 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jup-do-bairro/o-que-pode-um-corpo-sem-juizo/> . Acesso em: 21 jun. 2025.

Ao nos reafirmar a pergunta acerca do que pode um corpo, Jup do Bairro nos convida a experimentar uma ética do fracasso, entendendo que todos os sujeitos que fogem da norma passam pelo caminho do fracasso como lugar social e político. O corpo encontra-se na sua potência de criação, nas possibilidades de ser atravessado por afetos, como sugere em sua música ao falar da constituição desse corpo a partir de suas relações com o mundo. Através de seu corpo e sua arte, Jup do Bairro fabrica um modo de vida que recusa as normas de gênero e raciais operantes, um corpo sem juízo e sem moral que abre o mundo, tornando maiores as possibilidades de vida para esses corpos que vivem sob as limitações e violências das tecnologias de gênero e raciais.

3.3.3 Pintasas de Jessi Almeida e Anderson Vieira

O espetáculo Pintasas de Jessi Almeida e Anderson Vieira¹⁴ nasceu durante a formação da VI turma do curso técnico em dança da escola Porto Iracema das Artes na cidade de Fortaleza – CE. Ao se debruçarem sobre suas vivências como um corpo bixa, afeminado e preto, os dois artistas encontram na dança uma forma de compartilhar e problematizar a questão de como seus corpos foram e são marginalizados e violentados na sociedade.

Figura 3 - Espetáculo Pintasas



Fonte: Alan Sousa

¹⁴ ESPETÁCULO celebra resistência e liberdade de corpos gays, pretos e periféricos em Fortaleza. Alma Preta, 2023. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/agenda/espetaculo-celebra-resistencia-e-liberdade-de-corpos-gays-pretos-e-perifericos-em-fortaleza/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

Um processo fundamental operado por esses artistas reside na inversão de valores sobre corpos historicamente empurrados às margens e lidos sob o signo da abjeção. A criação cênica, longe de se reduzir a um mero espetáculo, constitui um mergulho visceral nas vivências e memórias dos dançarinos, convertendo relatos de violência e coerção heteronormativa em um gesto coletivo de denúncia e insurgência. É nesse ponto que o processo criativo ultrapassa a mera representação para se inscrever no que André Lepecki (2012) conceitua como coreopolítica: uma redistribuição dos corpos, dos afetos e do movimento que provoca rachaduras na superfície disciplinar da sociedade. A coreopolítica, assim, desenha uma nova gramática corporal que desorganiza os modos de vida formatados e devolve ao palco a urgência de existências marginalizadas.

É no atrito entre essa dança dissidente e os dispositivos de captura que o trabalho dos artistas se conecta intimamente com a estética da existência de Foucault (2010). Se a norma impõe um destino de assujeitamento, a prática artística emerge como uma prática de si, em que o corpo não é apenas o suporte da dor, mas a matéria-prima de sua própria reinvenção. Ao afirmarem que: “este trabalho é uma afirmação da nossa existência!”, os artistas cravam que mover-se é um ato ontológico e político.

Por essa razão, a cena estabelece um diálogo direto com a presente pesquisa: ao abrirem linhas de fuga na política da sexualidade vigente, esses corpos não buscam uma simples aceitação, mas operam na construção de uma ética para a vida. Essa ética, fundada no cuidado mútuo, na aliança coletiva e na recusa das capturas normativas, transforma a vivência singular em dramaturgia viva. Arte e vida deixam de ser instâncias separadas e passam a se constituir mutuamente em um gesto inseparável de resistência, criação e liberdade.

3.3.4 Dzi Croquettes: corpos andrógenos e a arte da dissidência

O grupo Dzi Croquettes foi um coletivo de artistas atuantes de 1972 a 1976 na cidade do Rio de Janeiro. Formado por 13 homens, suas criações permeavam o mundo do cabaré, dança, teatro e crítica política. Suas performances foram consideradas desafiadoras de gênero devido aos corpos masculinos se apresentarem como andróginos, com maquiagem e roupas que criavam uma imagem disruptiva entre o que é considerado de homem ou mulher, misturando esses gêneros de forma performática. O grupo utilizava roupas tidas como femininas e seus

corpos tidos como masculinos numa mistura que chegava a confundir a ditadura civil-militar da época.

Figura 4 - Grupo Dzi Croquetes 1974



Fonte: Site o Globo¹⁵

Nasceram em um contexto profundamente repressivo e violento: a ditadura civil-militar brasileira, instaurada em 1964 e estendida até 1985. Nesse período, diversos artistas foram censurados, perseguidos e exilados devido à reação estatal contra o pensamento crítico. O regime militar controlava os meios de comunicação e fabricava uma narrativa oficial para reprimir e silenciar qualquer tentativa de denúncia dos crimes cometidos, amparando-se no pretexto ideológico de combate a uma "ameaça comunista" — narrativa que a historiografia já consolidou como um fantasma alardeado para justificar o golpe contra o projeto nacional-trabalhista e reformista do presidente João Goulart.

¹⁵ DZI Croquettes: remanescentes relembram grupo performático. O Globo, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/dzi-croquettes-remanescentes-relembra-grupo-performatico-2981049>. Acesso em: 4 set. 2025.

Apesar desse contexto violento, o grupo foi fundado por Wagner Ribeiro e Lenie Dale, reunindo 13 homens gays que buscavam, a partir de seus corpos, transgredir as normas de gênero da época. Um documentário intitulado *Dzi Croquetes* (2009), dirigido por Tatiana Issa e Raphael Alvarez, trouxe a atuação do grupo de volta ao debate e apresenta, de forma humanizada, como os integrantes e suas relações operaram na época. Suas performances criavam uma certa confusão na época, demorou um tempo até o regime da ditadura começar a perseguir e censurar, devido ao fato de não compreenderem do que se tratava aqueles espetáculos: era dança? Era teatro? Eram homens ou mulheres no palco?

As performances do grupo produziam uma ruptura nas normas de gênero e nos modos de fazer arte, pelo deboche e ironia, elementos ambíguos que no palco encontravam um território de coexistência, de corpos tidos como masculinos atravessados por elementos femininos. Podemos remontar a proposta de Foucault (1988) com a recusa da normatividade de gênero como única forma de uso dos corpos, e de como tal recusa acaba por criar, fazer existir outros modos de vida, que podemos chamar de libertários.

Ao desestabilizar os signos fixos de gênero, torna-se possível problematizar como tais conceitos são construídos e performados. Conforme propõe Butler (2018), o gênero é uma construção performativa reiterada por normas sociais. A performance do grupo extrapola os limites da cena, pois, para além dos palcos, seus corpos continuam a tensionar e questionar essas convenções na vida cotidiana, borrando de forma radical as fronteiras entre arte e existência.

Conheci o grupo pelo documentário citado acima, e foi um encontro muito intenso perceber corpos bixas naquela época atuando de forma tão política frente ao regime de repressão, que acabou por exilar e matar artistas que se opunham à ditadura. Após o sucesso do grupo, o regime militar os obrigou a se exilarem do país, ficando 2 anos fora; depois do retorno, o grupo acabou se desmobilizando e seguindo caminhos diferentes. No entanto, deixou para nós, bixas, um legado de coragem e um modo de existência. O grupo encarnou e viveu uma ética da existência, criando uma obra como vida, algo que reverbera como modos de dissidência de gênero e sexualidade.

3.4 VIVER COMO BIXA: CRIAR VIDAS EMARANHADAS NO COLETIVO

Ao longo deste capítulo, desenvolvi a ideia de uma estética da existência ligada a vidas bixas e *queers*, gestando, assim, uma estética da existência bixa. Ao olhar para as vivências, podemos perceber vidas quebradas, corpos à margem da sociedade e do humano, a violência que incide sobre nossos corpos e como é possível transformar tais vivências em matéria criativa e produtiva de uma vida. O desvio aparece como única forma de resistir e agenciar rotas de fuga, que encontram no coletivo sua potência criativa e de sobrevivência.

É através desses movimentos que percebo como torna-se possível criar uma vida profundamente artística e política. O que me une a esses artistas trazidos aqui como aliades? É o corpo como território emergente da dissidência e da errância. A partir da minha própria experiência como corpo bixa em aliança com essas trajetórias, gesta-se uma cartografia dos desvios — que cartografa os modos como transportamos para a arte os nossos modos de vida, as violências sofridas e os fragmentos de nossas existências.

É nessa dimensão coletiva que a busca pelas pistas de uma estética da existência bixa se desdobra. Na troca de cartas com amigas artistas, a correspondência a torna-se uma prática de si — uma escrita de afeto e partilha em que a fragilidade e a potência da criação se entrelaçam. Nesses escritos compartilhados, a vida bixa na dança é colocada em questão, revelando como cada uma transpusera suas vivências e resistências para a cena, compondo corpos que inventaram a própria possibilidade de existir.

4. CARTAS E CORRESPONDÊNCIAS: CORPO BIXA É COLETIVIDADE, ENCONTRO E FRACASSO

A ideia de pesquisar a produção e criação de um corpo bixa partiu de um desejo íntimo e particular. Queria, de alguma forma, encontrar um modo de elaborar questões que me atravessaram durante a vida e que, de forma direta, foram constituintes do meu modo de me movimentar no mundo. Por um longo período, sentia que precisava caminhar sozinho, mas foi no coletivo que me encontrei, mais precisamente nos corpos LGBTQIAPN+ que cruzaram meu caminho. Sempre serei grato por esses encontros. Por isso, quando planejava esta pesquisa, pensei em encontrar uma forma de trazer alguns desses encontros. Não na ideia de “dar voz” a alguém, mas de poder conversar e pensar juntos.

Utilizei a carta como procedimento de criação cênica no âmbito das disciplinas Estágio I, II e III — componente curricular do curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que se desenvolve ao longo de três semestres e culmina na criação de um trabalho artístico cênico-performativo. Sob a orientação da Profa. Dra. Claudia Goes Müller, entre os anos de 2021 e 2022, criei a obra intitulada *Um corpo destinado a fracassar*. Esse processo criativo foi diretamente atravessado por cartas e programas performativos; contudo, por estarmos no período crítico da pandemia de COVID-19, grande parte da criação ocorreu mediada por telas. Sentia meu corpo esgotado, cansado e aprisionado ao formato digital. Nesse cenário, as cartas surgiram como um recurso poético para expressar vivências e afetos de maneira mais honesta e visceral do que pelo viés da escrita acadêmica formal. O trabalho estreou presencialmente em 2022, marcando a conclusão dessa travessia artística na universidade.

Figura 5 - Folder de Apresentação do Estágio



Fonte: Arquivo próprio.

Desejava, contudo, continuar a pensar as cartas como uma forma de produzir narrativas das minhas marcas, em vez de sempre subordinadas a algum autor. Isso não significa desfazer-me da importância das referências na construção do trabalho. Pensei muito a partir da dança Butoh e de algumas de suas propostas filosóficas, inclusive de uma carta que Tatsumi Hijikata (1991) envia a Natsu Nakajima quando ela sai em turnê, na qual ele propõe pensar o Butoh como nascido de um sentimento de abandono escondido nas pessoas. Essa reflexão me fez mergulhar numa profundidade interior e desejar pensar as cartas como uma forma de dança e de encontro.

E, cansado de dançar sozinho, fui buscando encontros. Inspirei-me na ideia da professora Liana Gesteira (2024), que em sua tese de doutorado apresentou as cartas como procedimento de encontro e improvisação. Assim, pensei em trocar cartas com outros artistas que trabalham a temática de corpos bixas. Não precisei ir muito longe: nesses encontros conheci artistas e amigos que já se dedicavam a essa temática. Consegui, então, trocar cartas com três

artistas que conheço e que, de alguma forma, também se voltam a pensar a ideia de um corpo bixa: Consegui, então, trocar cartas com três artistas que conheço e que, de alguma forma, também se voltam a pensar a ideia de um corpo bixa: Claudio Zarco, com sua dissertação de Mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), intitulada *Autópsia de uma dança: o corpo anti-sistêmico no Butô de Tatsumi Hijikata (2021)*; Marcelo Ferreira, com seu Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Dança pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), intitulado *Eu, a tal da bixa preta (2022)*; e Bruno Ribela, também com seu Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Dança pela UFU, intitulado *Corpo preto bixa: intersecções de uma bixa preta (2023)*.

4.1 CARTA PARA CLÁUDIO ZARCO

Uberlândia – MG, 18 de março de 2025.

Querida bixa Cláudio,

Espero que esta te encontre bem. Escrevo para te ouvir, para ser ouvida por você. Agradeço muito o aceite e a colaboração comigo e com tantas outras bixas que um dia possam se valer desse encontro. Mesmo que não circule tanto, já somos muitas, eu e você. Afinal, ser bixa é experimentar a multiplicidade e se criar nela.

Hoje, na fase adulta, percebo que dediquei toda a minha vida à criação da bixa que sou e que ainda desejo me tornar. No caminho, me fiz psicólogo, dançarino, ator, vendedor e tantas outras possibilidades que pude e ainda irei experimentar. Mas o que tem ficado e atravessado todos esses tempos é o corpo bixa. Por isso, me propus a encontrar outras bixas para construir um território de troca, de repulsa e, quem sabe, uma dança.

Antes de qualquer coisa que eu tenha feito na vida, ser bixa sempre foi o que marcou meu corpo. Fui chamado, xingado, elogiado e excluído por ser assim. Aprendi a camuflar certos gestos, roupas e movimentos que entregavam a performatividade de bixa. Na dança, pude experimentar tais gestos de forma mais honesta e aprender sobre gênero. Portanto, gostaria de compartilhar as seguintes perguntas: como se cria um corpo bixa, como dançar tal corpo e como a dimensão do modo de vida bixa sempre atravessa esse corpo?

Sei que você passou por duros caminhos na relação do seu corpo bixa com a dança. Lembro de você me contar sobre a experiência de ser uma criança viada e de como, no primeiro momento, te foi negado o direito de dançar por ser bixa. Como podem decidir quais corpos podem ou não dançar? Fico feliz que tenha encontrado uma forma de resistir e continuado a dançar, buscando e buscando encontrar sua dança. Me sinto inspirado por você e por todas as bixas que não aceitaram os tantos não dados pela sociedade.

Apesar do cansaço que sinto, das inúmeras tentativas de resistir nas quais falhei, continuo a buscar meios para produzir e criar esse corpo bixa. Porque sei que não estamos sozinhas, e continuar é para que esse projeto seja sempre coletivo. Muitas outras virão, e para isso, precisamos continuar essa jornada. Sonho que elas possam ser tudo o que desejam e que, se possível, desejem uma vida impossível, se revoltam e criem um modo de existência potente.

E você? Espero escutar de você como pensa esse corpo bixa na dança e no mundo. Tens conseguido ser feliz? E a dança, quais gestos têm te emocionado?

Um abraço forte.

Com Carinho,
Juscelino Mendes

4.1.1 Resposta de Cláudio Zarco

Florianópolis/SC, 06 de abril de 2025

Saudações parente bixa Juscelino,

Estou bem na medida do possível e você? Fico horando em fazer parte dessa dança de escutas, e possíveis reencontros com as nossas parentes bixas, veados, boiolas, baitolas, etc. Muitas pessoas acreditam que o sangue é o que define algum tipo de parentesco. Porém, o chamo de parente como uma forma contraforma genealógica, pois há algo que corre no meu, no seu e em tantos outros corpos, muito além do líquido vermelho das veias, e sim, as histórias de ser BIXA.

Te ler me levou a um mundo, em que te escreveria com um papel de carta com cheiro de fruta, e nesse trocaríamos segredos dos medos da infância ou da adolescência. Um passado que se mescla com o agora, nesse exato momento em que você me lê.

Voce me escreve: “Como se cria um corpo bixa? Como dançar tal corpo? Como a dimensão do modo de vida bixa sempre atravessa o corpo?” E começo a rir. Euforia? Medo? Não sei. Me sinto como se você deslizasse seu toque em uma lâmpada e desejasse três pedidos ou seriam três desejos em danças?

Bem por onde começar...

Acho que começarei quando fui buscar o significado do verbo transitivo direto “desmunhecar”, adicionado em nosso dicionário a partir de 1922. Foi quando encontrei os inúmeros significados de uma carnificina: “cortar, decepar a munheca de”, “fraturar ou cortar a mão de”, “cortar um segmento, um pedaço de”, entre outros sentidos. Ao ler aqueles significados me lembrei das inúmeras vezes em que ouvi: “senta direito”, “não cruze as pernas”, “fale que nem homem”, “não fale com as mãos”, “não rebole” ... Enfim, acho que que nossos corpos foram literalmente decepados, cortados. Acredito que há vários tipos de nascimentos de um corpo bixa, o meu foi pelos pedaços.

Sobre dançar tal corpo, tem sido um grande processo. Primeiro de construir espaços para este corpo (ou pedaços dele), pois me disseram e me dizem que não posso dançar da maneira que o meu corpo permite. O que é difícil pois esses movimentos continuam a propagar ecos da inadequação ao meu corpo. Porém, hoje penso em dançar uma dança que ninguém poderá dizer que eu não possa dançar. Essa dança (talvez) venha das vozes silenciadas de cada órgão, de cada pedaço cortado, decepado, fraturado do meu corpo. Sinto que tais movimentos coreografam uma escada para a escuridão de cada pedaço de carne e osso, criando inúmeros portais para outros mundos possíveis e impossíveis. Mundos onde se pode existir sem pedir desculpas, amar sem roteiro, criar sem permissão.

Voce me disse na carta que “apesar do cansaço que sinto, das inúmeras tentativas de resistir nas quais falhei (...)”, olha a beleza que te encontrou. A princípio é muito difícil reconhecer esse lugar enquanto possibilidade, ainda mais numa sociedade que prima pela história dos vencedores. Aprendi com Hijikata e Halberstam a pensar sobre esse lugar do fracasso como potência subversiva, da recusa e da desobediência, uma dança outra contra a lógica da vitória, da ascensão e da produtividade vendida pela heterossexualidade.

O que você acha de abraçarmos o que a sociedade rotula de “erro” como uma forma de existir? De encontrarmos abrigo no inacabado, no mal-sucedido, no que escapa? O que você acha de dançarmos o fracasso, aqui, não como derrota, mas uma dança contra as estruturas opressoras do sucesso normativo?

Um abraço ao que foi

Um beijo ao que pode vir a ser

Com carinho e onde estamos

Claudio Zarco

4.1.2 Resposta para Cláudio Zarco

Uberlândia, 31 de agosto de 2025

Querido parente Claudio,

Gostaria de começar dizendo que amei você me chamar de parente. Tenho as bixas como minhas irmãs e acredito muito nessa ligação para além dos laços consanguíneos. Foi no coletivo e nas amizades com bixas, sapatões e travestis que pude me entender e me aceitar. Foi um processo muito difícil, portanto, agradeço o carinho e o acolhimento que senti lendo sua carta.

Te respondo depois de longos quatro meses desde sua última carta. Peço desculpas pela demora: me desviei do caminho, outras urgências me afastaram da escrita, mas cá estou, te escrevendo e tentando finalizar um ciclo importante na minha vida, que é a graduação em dança.

Achei genial a metáfora que você fez de transformar as perguntas disparadoras em três pedidos e, no fim, dançarmos através dessas cartas. Sinto seu movimento me mobilizando através das palavras. Quando você diz que se fez bixa a partir dos pedaços, de desmembramentos, acho poético e dramático ao mesmo tempo — e me reconheço nisso. Sinto que ainda tento, de forma errante, juntar pedaços, e lembro de Jota Mombaça (2021), em seu livro *Não vão nos matar agora*, perguntando: “como seria criar um mundo a partir dos estilhaços?”. Essa talvez seja nossa premissa dramática dessa dança por cartas, algo que se reflete também na forma como nos movemos no mundo.

Penso ainda sobre a relação que criamos com o corpo assujeitado, reprimido em seus movimentos. Ouvi muito o que você relata em sua carta: seja homem. Até hoje não entendo o

que queriam dizer com isso, pois eu era apenas uma criança. Depois, já adulto, pararam de dizer; às vezes, percebo que os olhares ainda trazem marcas de reprovação — talvez por eu não ter me tornado o homem que disseram que eu deveria ser. Contudo, é também na recusa dessa expectativa que encontro brechas para existir a meu modo.

Como dança um corpo inadequado? Antes de entrar no curso de dança, eu achava que nunca poderia subir a um palco, pois sentia que não tinha a classe e o refinamento que costumava ver nos dançarinos, e que, depois de adulto, já não se aprende. Mas, na verdade, sempre dancei. Não em técnicas reconhecidas pelo campo da dança, mas na rua, nas festas clandestinas às quais eu ia para estar perto das minhas irmãs. Na época se falava GLS; eram festas escondidas, feitas em cabarés da cidade, em locais distantes. Só assim se conseguia alugar um espaço para esse tipo de encontro. Como você disse em sua carta: éramos — e ainda somos — corpos inadequados.

Sinto que dancei a vida todo esse fracasso de que você fala. Poderíamos chamar de “poética do fracasso” ou “dramaturgias do fracasso”, como um modo bonito de pensar tal movimento. Mas penso também nas marcas que ficam em nossos corpos: dançar o fracasso é resistir a uma série de violências e, mesmo feridos, continuar se movimentando. Também acho interessante quando você propõe inverter os valores em relação ao que é sucesso e ao que é fracasso. Essa perspectiva é muito potente, e é exatamente isso que me interessa em pensar o corpo bixa como território de experimentação e criação: um corpo que devolve as violências e que, ao encontrar uma fuga, se encontra na coletividade para criar outros modos de vida.

Poderia passar horas falando com você sobre essas coisas. Lembro de quando nos conhecemos: primeiro foi na dança; você me sustentou, usou meu corpo e fui sua sombra. Depois, o inverso, para só então, no segundo dia da oficina do Tadashi, a gente conversar. Então, gostaria de te agradecer pela prontidão de ter me dançado aquele dia e, assim, continuar dançando com você todos esses anos. Você me inspira a seguir em frente e, por fim, obrigado por essa bixa maravilhosa que és. Estarei te seguindo sempre...

Com amor
Juscelino Mendes

4.2 CARTA PARA MARCELO FERREIRA

17 de março de 2025

Querida bixa Marcela

Que alegria poder te escrever e te escutar! Mesmo com tantos anos convivendo, foi possível trocar tanto, que não cabe em uma carta. Você se tornou minha irmã de vida. Literalmente, te vi crescer e acompanhei seu processo dentro do campo da dança e em seu tempo em Uberlândia. Lembro da primeira aula que fiz como aluno especial em dança contemporânea I. Cheguei na sala morrendo de fome, estava atrasado e não tive tempo de tomar café da manhã. Quando chegou o intervalo da aula, você foi a primeira pessoa que conversou comigo e se ofereceu para ir na cantina mais próxima. A UFU era novidade para mim, e para você também. Entretanto, você caminhava como se tudo aquilo fosse já seu, e foi aí que começou nossa amizade e irmandade.

Gosto de pensar que minhas amigas LGBTQIAPN+QIAP+ são minha outra família, e principalmente, as bixas, grupo do qual faço parte, como aqueles corpos que me acolhem e produzem em mim um espelho, mas não no sentido apenas de identificação, mas do estranhamento, de como cada bixa se propõe a criar uma vida para si. E olhando para seu caminho, vejo que construiu para si uma vida muito rica e alegre, que, apesar de todas as violências que seu corpo foi submetido, você se sobressaiu, contrariando o desejo de morte que incide sobre nossos corpos, alguns mais que outros.

Hoje, repito a mesma pergunta que você fez no seu TCC: o que é ser bixa? Quando e como se faz um corpo bixa? Não espero por conceitos ou explicações de como é ser bixa. Hoje percebo a multiplicidade e as diversas variações de um modo de existência implicado no corpo das bixas. Compartilhamos dores e amores. Podemos dizer que fizemos do limão uma limonada? Será que vencemos, ou um dia venceremos?

Sei que resistimos e atravessamos todos os tempos. Há relatos de bixas em todo e qualquer registro da humanidade, e me conecto com você, com sua performatividade viada, para sentir a comunidade. Aposto nesse encontro como forma de sermos eternas, vivendo umas nos corpos das outras, uma espécie de memória mutante e fragmentada que atravessa os tempos.

Mas me conta, amiga, como tá sendo se movimentar por aí?

Com carinho, Juscelino.

4.2.1 Resposta Marcelo Ferreira

05 de agosto de 2025

Querida Jusce!

Fiquei emocionada ao me deparar com essa carta. Realmente foram anos convivendo. Mas, mesmo com esses anos juntas, nunca te contei o que vou revelar agora. Quando vi a senhora pela primeira vez, fiquei com um pouco de “crush” na senhora. Mas fique tranquila, ele se desfez a partir do momento em que a senhora disse que era passiva “Alokaaa”. Brincadeiras à parte, de certa forma esse “crush” se transformou em admiração, e essa admiração se concretiza no momento em que vamos morar juntas: de como você cuidava da casa, como você recebia seus amigos, como organizava seu quarto, até mesmo sobre saúde sexual. Foi com você que tive contato com o PEP. Foram tantas coisas que eu aprendi com você, bixa, que dava para escrever um TCC.

Por aqui, estou me deparando com um conflito de ser uma pessoa adulta, e nesse processo levo comigo muita coisa que aprendi te admirando: em cuidar de uma casa, aceitar despedidas, ver quem entra na minha vida, cuidar das minhas amizades e, o mais importante, descobrir o que é ser uma bixa na contemporaneidade. Te adianto que não sei responder nenhuma dessas perguntas, mas compartilho o questionar. Acho que, no imaginário da cultura brasileira, temos uma imagem quando ouvimos a palavra bixa, principalmente bixa preta, mas e hoje? Onde estão essas bixas? Como elas estão? Será que a imagem reproduzida pela mídia dos anos 2000 “evoluiu”?

A verdade é que eu, como uma bixa preta, não estou interessada em responder essas perguntas, mas sim em achar um caminho no questionar: questionar a sede da comunidade gay em reproduzir a heteronormatividade, questionar um pouco a ideia de que duas bixas não possam se relacionar, questionar até a ideia de posição sexual que reproduzimos no jogo cênico sexual. Questiono observando também o movimento nas relações transcitradas, na performatividade de pessoas transmasculinas que não querem ser comparadas com a postura de um homem cis. Adendo, amiga: eu vi um pornô de homem trans comendo com a xereca dele o

pau de uma travesti. Isso me reverbera até hoje. Trouxe tudo isso com o apoio da minha observação a corpos trans, sobre a relação de heteronormatividade, pois sinto que as bixas estão se perdendo na ideia de um consumo de imagem. Eu nem falo de bixas musculosas, falo delas quererem ser um hétero que dá o cu. Mona, as gays estão torcendo pra time de futebol. Nããão dááá!!!

Parece que eu estou fazendo uma ditadura das bixas, mas, na real, é que não entra na minha cabeça todo um movimento que as nossas ancestrais fizeram se resultar na misoginia junto com uma autoestima camuflada pela frase: “não sou e nem curto afeminado”, em um lugar que é construído para ter a liberdade de quem você é, e as gays vão lá e escolhem ser o opressor (pelo amor de Deus, não pensa na citação do Paulo Freire).

Aii, acho que falei muitas coisas. O que me resta agora é te agradecer por ter me escrito essa carta, me fazer revisitar a nossa história através de um exercício artístico. Fiquei muito honrada de receber ela e poder contribuir um pouquinho na sua pesquisa e na sua vida, amiga.

Te amo, levo a senhora sempre comigo.

4.2.2 Resposta para Marcelo Ferreira

Uberlândia, 31 de agosto de 2025

Querida amiga,

Gostaria de começar te agradecendo pela resposta. Nesse tempo desde que te enviei a carta, se passou tanta coisa: estivemos juntas em São Paulo e depois no Rio para ver a Lady Gaga. Foi incrível, como sempre é estar contigo. O tempo tem me atravessado tanto ultimamente... tenho que fazer escolhas, não consigo abraçar o mundo como um dia imaginei. Estou perto de finalizar esse ciclo do curso de dança e fico muito feliz em poder tecer essa carta e dançar contigo.

Acho incrível como você inicia falando da sua impressão sobre mim e do questionamento de como a passividade se torna uma reprodução da heteronormatividade. Gosto muito de lembrar da *housedance*, da nossa casinha, de como nossos corpos compunham uma dramaturgia do caos pelo modo como nossas diferenças coabitavam, incluindo Luciana e Sami.

Esses dias, visitando umas fotos antigas, me deparei com uma imagem nossa fazendo yoga juntos na época da pandemia, e isso me fez sorrir, pois, mesmo na diferença, construímos e compartilhamos muitos momentos.

Você fala do tanto que aprendeu comigo, e me faz pensar no quanto aprendi contigo — e ainda aprendo. Me orgulho de você quase como uma mãe se orgulha da filha, pois vejo em você uma coragem para enfrentar o mundo que admiro e até invejo. Aprendi também com você a leveza com que se movia depois de passar pelos seus problemas: era como se você virasse a página e aquilo fosse deixado para trás. Eu, não — sou ressentido (rsrsrs). Acredito que é por ser tão corajosa que você consegue se colocar em tantos questionamentos importantes, como coloca na carta. Tem um texto do Paul Preciado que se chama *A coragem de ser você mesmo*, e, para mim, você é exatamente isso: uma bixa corajosa, que sabe se movimentar.

Também penso em como ainda somos atravessados pelas normas de gênero, e que, para alguns, é tão difícil se distanciar. Hoje até entendo esse movimento de se aproximar da norma como uma tentativa de ser menos oprimido. Porém, sei que é uma ilusão: não há nada que eles possam fazer para tirar a marca de um corpo bixa. Penso com você que é muito importante questionar e desafiar as relações: por que nos relacionamos assim? Como quem segue papéis sem nunca se perguntar se há outro caminho.

Por fim, sigo buscando aquilo que você coloca no início da sua carta: entender o que é ser bixa e como posso criar uma vida bixa alegre para mim e para as minhas. A cada passo sinto que meu mundo vai se tornando maior, pois vejo que não caminho sozinho. E agradeço por ser uma dessas irmãs bixas que a vida me deu.

Saudades, mana, e espero te ver em breve.

Te amo e até logo

Juscelino Mendes

4.3 CARTA BRUNO RIBELA

18 de março de 2025

Querida bixa Bruno,

Hoje, me refaço questionamentos que passaram por você na relação de identidade e construção de uma vida bixa. Acompanhei seu trabalho de estágio e o caminho que você seguiu. Mesmo antes, vi um menino de 17 anos ingressar na faculdade e se tornar uma bixa maravilhosa. Fico feliz por ter sido testemunha desse processo e também por poder ter sua existência como referência artística e de amizade.

Vejo o quanto a experiência de criar um corpo bixa é única e, ao mesmo tempo, tão similar, mesmo com todos os atravessamentos de raça que diferem os processos de construção desses corpos. Lendo seu TCC, vejo no seu relato de infância como percebeu as imposições da performatividade masculina em seu corpo, como sentiu a cada castração dos gestos inocentes de uma criança. Passei por isso. Me dá um nó na garganta quando vejo o quanto são recorrentes as pequenas violências que os corpos bixas sofrem até chegar à vida adulta. Sinto muito por todas nós que carregamos a dissidência de gênero em nossos corpos. Por mais que tentemos ser menos bixa, a sociedade não aceita; somos tiradas dos armários que eles mesmos construíram para nos colocar.

Sonho com o dia em que todas as crianças viadas sejam amadas desde o seu primeiro close. Como tem sido para você, depois de tudo o que passou, continuar o processo de construção desse corpo bixa? Existe um lugar que se esgota na criação? Que chegaremos em um lugar onde perguntar o que é ser bixa não será necessário? Gostaria de te ouvir sobre como tem pensado essa relação de criação deste corpo dentro e fora da dança. Se é possível criar um trabalho artístico pautado no corpo bixa, seria possível criar uma vida bixa? E mesmo em trabalhos que não tenciona tal temática, a bixa deixa de existir?

Te escrevo porque sinto que tais questionamentos passam por todas nós. Talvez aqui não busque nada que seja novo e iluminador como resposta; pode ser que seja um desabafo, um grito ou uma gargalhada bem gostosa, um encontro.

Com carinho, Juscelino.

Olá, Jusce!

4.3.1 Resposta Bruno Ribela

Início essa resposta com afirmação da saudade do dia a dia ao seu lado, ao longo destes anos em Uberlândia tive o prazer de ter conseguido pessoas tão maravilhosas como amigos. Mais uma vez, desculpe pela demora no retorno vejo que de certa forma o motivo pelo qual enrolei nesta devolução converge diretamente no tema de nossa conversa. O dia a dia de um artista pós formação tem sua complexidade, o esforço em conseguir existir socialmente como um adulto funcional e independente te guia para caminhos não artísticos e não acadêmicos. Me manter nesse lugar que tanto amo é muito exaustivo e tudo o que faço na área é com um extremo esforço. Quando falamos da área acadêmica quanto menos estamos nela, mais difícil se torna estar nela. Bom, iniciarei nosso diálogo através da sua seguinte pergunta:

“Como tem sido para você, depois de tudo o que passou, continuar o processo de construção desse corpo bixa?”

Construção é uma palavra engraçada quando direcionada ao corpo bixa. Quando construímos algo temos em mente o que queremos construir, onde queremos chegar e o principal é a vontade de se construir algo. Olho para toda a minha existência e tudo o que eu fiz até hoje foi sobreviver. Em meu trabalho de conclusão evoco meu passado em momentos pontuais de meu desenvolvimento como ser humano, tenho lá diversas formas que achei para conter algo que eu não tinha ideia do que era e nem toda sua potência.

Quando podamos uma árvore ela não deixa de ser o que é, ao fazer a poda poderá haver um controle sobre seu tamanho, o quanto de “sujeira” causa, mas ela não deixará de ser o que é. Se podarmos uma mangueira ela continua sendo uma mangueira, em sua maior potência ela terá um grande e grosso tronco com uma imensa quantidade de mangas. Quando adquirimos conhecimento do que nos é podado temos ali a chance de iniciar o nosso crescimento, mas não dissociado do que somos pois sempre fomos aquilo, a bixa não se constrói ela se expande, ela invade, cresce, ela sempre será o que é.

Talvez a pergunta seja, *qual é a sua potência?*

“Existe um lugar que se esgota na criação? Um lugar onde perguntar o que é ser bixa não será necessário?”

Reconheci meus esforços em existir de uma forma que me era imposta, correntes tentavam me segurar e como lidei/lido com estas questões que foram me guiando. Tive pra mim quando muito jovem a compreensão e a aceitação de não ser igual aqueles ao meu redor, dali em diante eu experiencio as consequências de existir. Veja, pra mim o que é ser bixa nunca foi uma grande questão, não é/é um grande dilema. Me vi primeiro viado, depois gay e logo me reconheci como BIXA, não por reflexão do que sou e sim pela identificação de diferenças que encontrei em todos os espaços, momentos e experiências. Então qual é a resposta de uma pergunta que nunca me fiz?

Quando falo da BIXA tenho que organizar meus discursos, a BIXA pra mim tem que dialogar com gênero, sexualidade, performatividade e principalmente raça. Eu sendo uma pessoa preta sou interseccionado por muitas camadas, logo, não faço uma separação do que cada camada me reverbera, cada uma é um fio que constrói o mesmo tecido, podemos compreender cada fio mas não conseguimos trabalhar com um de cada vez. Tentando aqui fechar todos esses pontos a BIXA está no desencaixe, desalinhamento de suas existências.

Relendo sua carta vejo um ponto muito importante na sua colocação da bixa, *“Sinto muito por todas nós que carregamos a dissidência de gênero em nossos corpos”*

Quando penso meu corpo BIXA o reconheço em diálogo com a **performatividade** de gênero e não **identidade** de gênero. Sou um Homem preto e BIXA e não uma Trans BYXA preta. Cheguei nesse lugar compreendendo que minhas vivências são acionadas pelo fato de eu ser um Homem preto, meu discurso surge nos questionamentos do que se espera dessa existência. Com isso vem as reflexões de como o corpo do homem preto vem sendo moldado através de todo o processo colonial no Brasil e a cultura de masculinidade, consequentemente o meu desalinhamento do que se espera para o corpo do homem preto.

Caminhando aqui para minhas últimas reflexões você trás *“Gostaria de te ouvir sobre como tem pensado essa relação de criação deste corpo dentro e fora da dança. Se é possível criar um trabalho artístico pautado no corpo bixa, seria possível criar uma vida bixa? E mesmo em trabalhos que não tenciona tal temática, a bixa deixa de existir?”*

Quando compreendo que a BIXA habita no campo da performatividade tenho que acionar o lugar que é: Sou um artista que trabalha com o corpo em cena, as minhas formas de performar estão ligadas as minhas capacidades enquanto um profissional, trazer um corpo

mais ou menos masculino, isso se encaixa em um campo específico de capacidade técnica.

Novamente tenho que trazer a camada da raça, eu em cena serei primeiro um homem preto para ser qualquer outra coisa depois. Sendo mais direto, reconheço que meu corpo em cena tem a capacidade de fugir do discurso e análises do corpo BIXA, mas não do corpo preto. A construção de um trabalho artístico que dialoga com bixarias é possível, contudo os lugares onde o público pode chegar é de uma infinidade de possibilidades, cabe entender o que é bixa pra você, pra mim enquanto performatividade é sim um reconhecimento possível de se trabalhar, porém é preciso acionar diversos discursos ao mesmo tempo.

POSSÍVEL? sim

FÁCIL? ninguém disse que seria

“seria possível criar uma vida bixa?”

Se criar uma vida BIXA poderia ser: Criar algo em sua maior potência, sem podas, sem moldes, sem regras de existir, talvez possa ser o vento nas asas que o levará tão alto e longe como nunca tenha pensado ser possível.

Espero não ter feito muitos rodeios e de alguma forma te ajudado nessa parte tão importante de sua conclusão. Sigo ansioso pelo seu retorno.

4.3.2 Resposta a Bruno Ribela

Uberlândia, 09 de agosto de 2025

Querido amigo,

Vejo que, ao iniciar compartilhando suas aflições acerca do que vem depois de formado, reconheço em mim algo semelhante. Sinto que demorei muito para, de fato, finalizar este ciclo na dança, pois tenho medo do que vem a seguir. Nos últimos anos, devido a urgências, comecei a atuar como psicólogo, que é minha primeira formação. Depois disso, percebi que me afastei de muitas coisas: pelo cansaço, pela falta de tempo, me via cada vez mais parado, sem conseguir

me movimentar. Parei de dançar e me faço os mesmos questionamentos que você traz logo no início. Hoje, estou mais tranquilo quanto à cobrança de estar sempre criando algo e dançando. Estou voltando, aos poucos, com pequenos gestos, e acredito que defender este trabalho será o primeiro movimento de retorno que faço.

Gosto muito da imagem que você me oferece em sua carta, a imagem de expansão, de um lugar em que esses corpos bixas, mesmo em tantos cortes, se mantêm. Lembrei de um dançarino que estudei por um tempo: Kazuo Ohno. Ele parou de dançar por mais de vinte anos, exercendo a profissão de farmacêutico, e depois retornou à dança. Mas, mesmo nesse longo intervalo, ele nunca deixou de ser dançarino. Me inspiro nessa história porque acredito que ser bixa atravessa os campos entre arte e vida, num movimento de ampliar as possibilidades e a potência, como você também coloca em sua carta.

Acho que, de alguma forma, tento responder à pergunta que você traz sobre o que é ser bixa. Para mim, isso foi algo bastante natural. O primeiro grupo do qual fiz parte, e no qual me reconheci como corpo dissidente, foi no vôlei. Lá éramos todas bixas e viados, e essa sempre foi uma referência para mim. Depois, com o tempo e com os estudos, pude me aproximar das teorias de gênero e sexualidade, onde percebia a relação com a performatividade. Isso me trouxe alguns insights para a vida: passei a entender, por exemplo, o motivo de algumas pessoas perderem o interesse quando ouviam minha voz em aplicativos ou quando me viam com amigos e passavam a me tratar de forma diferente. Ali percebia que performar certa feminilidade me afastava do objeto de desejo de alguns gays. Confesso que tentei mudar alguns gestos, me policiar nas palavras e nas gírias usadas; mas acabava me tornando alguém que não era eu. Fiz as pazes com isso. Entendi meu lugar e percebi que me sentia bem justamente no desencaixe e no desalinhamento da existência — como você disse, e que lindo isso: propor um desalinhamento da existência.

Penso muito em como, depois de certo tempo, nunca mais precisei “me revelar” como um corpo bixa. Como você pontua, a leitura racial sempre chega primeiro a você; para mim, chega a sexualidade. Por isso, entendo que, mesmo tratando do tema do que é criar uma vida bixa, sei das diferenças que atravessam nossos corpos e da importância de reconhecer esse lugar em que raça, classe e gênero se interseccionam.

Por fim, gostaria de te agradecer por ter aceitado participar dessa conversa. Falei de você esses dias, do quanto você é implicado em alcançar seus desejos — seja na flexibilidade e criação de seus trabalhos, seja na vida. Sinto muito orgulho de ter convivido tanto com você

na turma 8. Vocês me acolheram e me ensinaram muito. Tenho orgulho dos caminhos que você trilha, da bixa que você é, admiro a coragem da sua geração.

Com amor

Juscelino Mendes

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CORPO BIXA QUE CRIA PARA SI OUTROS FINS

Esta pesquisa se desdobra a partir da marca da bala, como proposto por Paul Preciado (2020), citado no primeiro capítulo. Sem se importar com quem eu era, com quem era minha família, desde muito cedo fui marcado pelo franco atirador da bala, colocado em um processo de me tornar outro, aquele que difere da norma. Falar desse processo tem sido um modo de reorganizar meu corpo, minha dança, como me coloco no espaço, como coreografo minha existência no mundo. A partir dessa ferida, sinto que fui levado a inventar uma vida para não sucumbir, para simplesmente poder existir. Esta foi a motivação de agenciar esta pesquisa.

Por diversas vezes, tentei marcar de forma ontológica o surgimento desse ser/corpo bixa, de como se deu a criação desse corpo. Por isso, encontrei na pesquisa e na dança um território para experimentar esse processo artesanal de criar e nomear. Aqui, as fronteiras entre arte, vida e política se desfizeram. Não se pode mensurar ou quantificar o que cada parte desta pesquisa corresponde a uma dessas áreas citadas. Já não vejo onde minha vida privada termina e o social começa. Separar a bixa da artista parece uma tarefa impossível, e, sendo bixa, sempre gostei dos impossíveis. Mas aqui consegui, de certa forma, acoplar as camadas e caminhos errantes de uma existência dançante e performática. Percebo que podem ter ficado pedaços incompletos e por vir, por isso vejo ainda mais um corpo bixa em movimento, formado por fragmentos e multiplicidades.

A produção de um corpo bixa se dá pela sua força de resistência e necessidade de criar outros mundos para sobreviver. Na pesquisa, pude tocar nesses pontos ao pensar em como esse corpo, ao ser excluído e violentado, não encontra outra saída além de produzir linhas de fuga, que Deleuze e Guattari (2012) sugerem como possibilidade de romper com a norma, com o campo duro e estriado que a sociedade impõe aos corpos. É um movimento subversivo, como acontece na produção de um corpo bixa.

Ao encontrar e fazer vazar algo, a bixa engendra uma estética da existência, como podemos ver nos artistas de referência utilizados na pesquisa. Vejo também na poética o pensamento de como tal movimento se dá por meio de processos criativos, que envolvem procedimentos semelhantes aos da criação de um trabalho artístico. E, por se tratar de um lugar da memória e autobiográfico, o conteúdo dessas criações sempre parte do indivíduo para o coletivo. A saída se dá nesse encontro com o coletivo, somente quando sinto identificação em

outros corpos desviantes como o meu. É nesse ponto que muda a relação de angústia que sentia por não estar adequado à norma, muda a perspectiva e outros mundos se abrem. Agradeço muito às bixas que cruzaram meu caminho, como espelhos que abriram as possibilidades de afeto no mundo.

Revisitar dores no percurso, como um modo de cartografar as marcas deixadas pelos encontros, me fez elaborar e olhar por outras perspectivas, principalmente pelo olhar criativo de como foi preciso inventar uma vida. Nesse movimento inventivo, pude transpor para a arte algumas dessas dores, transformar em gestos o que antes eram apenas memórias violentas. A dança, que na infância se manifestava como um gesto intuitivo e visceral de alegria e sobrevivência, só encontrou o ensino formal às vésperas de minha mudança para Uberlândia, em 2017, quando iniciei as aulas de dança contemporânea. Vindo da formação em Psicologia — um campo que, historicamente, privilegia a mente e a palavra —, vivenciava uma cisão cartesiana que separava a psique da carne. Foi ao cursar disciplinas isoladas no curso de Bacharelado em Dança da UFU que vislumbrei a possibilidade de me constituir artista. O projeto político-pedagógico do curso não apenas acolheu minhas inquietações, mas promoveu uma ruptura nessa separação dualista: dançar tornou-se a via de reintegração da mente no corpo e o aprendizado de um outro modo de estar e habitar o mundo. Encontrar referências de artistas que descobriram em seus corpos modos de ressignificar a vida bixa foi fundamental nessa travessia. Como Cláudio provoca em sua carta, a possibilidade de dançar o fracasso me parece uma ideia potente e provocadora na continuidade dessa dança — um movimento em que a arte deixa de ser apenas representação e passa a ser a própria matéria com a qual esculpo minha existência.

Um aspecto central no decorrer desta pesquisa foi reconhecer a multiplicidade que atravessa os corpos bixas, a qual se estende a toda a comunidade LGBTQIAPN+. Marcar meu lugar de fala e apontar meus limites teóricos e existenciais foi uma postura ética e política fundamental. Por muito tempo, esses corpos foram tratados de forma homogênea e capturados por discursos produzidos a partir da norma. Por isso, compreendo a importância de superar o mero discurso de “dar voz a alguém” — prática que muitas vezes reitera a hierarquia de poder —, em prol da ocupação legítima desses espaços pelas próprias bixas, lésbicas, bissexuais, pessoas trans, queers, intersexo, assexuais, pansexuais, não binárias e outras possibilidades de existência corporizada que virão. Esta pesquisa é, portanto, deliberadamente marcada, narrada,

subjetiva e parcial, abrindo caminhos para pensar como os afetos e a amizade constroem redes de sustentação e invenção de famílias queer no presente e em pesquisas futuras¹⁶.

Gostei muito da troca de cartas e de como esse procedimento me provocou a explorar ainda mais o formato, e futuramente pensar em usar tais relações na construção de trabalhos artísticos em dança e performance. Desejo que, de alguma forma, sirva como referência para outras bixas que venham a pensar e elaborar a ideia de criação de um corpo bixa, assim como tive contato com as referências utilizadas aqui.

Esta pesquisa contribui para o campo da dança e das artes cênicas ao propor o corpo bixa como território de criação, resistência e invenção de outros mundos possíveis. Ao articular experiência autobiográfica, memória, produção artística e reflexão teórica, evidencia-se como práticas corporais e performáticas podem se constituir em modos de subjetivação e de questionamento das normas sociais, mostrando também como corpos dissidentes podem criar territórios de existência diante das violências do mundo.

Sinto muita alegria em poder reafirmar a potência que é ser um desses corpos bixas de que tanto falei ao longo da pesquisa. Sei que esta pesquisa ainda tem falhas, necessidade de ampliar e aprofundar os debates aqui iniciados. Muitos desejos foram deixados para que essa escrita se finalizasse. Acontecimentos alheios atravessaram meu corpo e impediram que chegasse a outros lugares. Porém, finalizo a escrita com uma sensação de satisfação por ter tido a coragem de navegar nesse campo de pesquisa, por ter tido a coragem de dançar um corpo bixa e por ter tido a coragem de sonhar outros mundos possíveis.

¹⁶ A dimensão dos afetos e da amizade como tecnologia de invenção de novas estruturas familiares e de sobrevivência queer desdobra-se como um horizonte fecundo para investigações futuras. Destaca-se, nesse contexto, a obra cinematográfica *Tudo o que você podia ser* (dir. Ricardo Alves Jr., 2023), recomendada pela Profa. Dra. Vivian de Lacerda, que tensiona e celebra a estetização dos vínculos afetivos, das famílias escolhidas e do "vir a ser" queer como ato criativo e político.

REFERÊNCIAS¹⁷

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, Liana Gesteira. **E SE ESSE SONHO FOSSE NOSSO? COSMOCOMPOSIÇÕES: movendo mundos em danças**. 2024. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Dança, Programa de Pós-Graduação em Dança Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

DELEUZE, Gilles. Espinosa e nós. In: **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 125-135.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012.

DZI Croquetes. Direção: Tatiana Issa e Raphael Alvarez. Produção: TRIA Produções. Brasil, 2009. 1 filme/documentário (110 min).

FERREIRA, Marcelo. **Eu, a tal da bixa preta**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Dança) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

FIGUEIREDO, Fernando Padrão. Arte de viver, modos de vida e estética da existência em Michel Foucault. **Revista Ítaca**, Rio de Janeiro, nº 15, p. 290-299, 2010.

¹⁷ Em atendimento aos princípios de transparência e integridade acadêmica, informa-se que o modelo de linguagem Gemini (desenvolvido pela Google) foi utilizado ao longo da etapa final deste trabalho exclusivamente como ferramenta assistiva para revisão gramatical, adequação ortográfica e conferência de formatação segundo as normas da ABNT. Todo o conteúdo conceitual, analítico, autobiográfico, epistolar e crítico é de autoria e responsabilidade integral do pesquisador.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Alves e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Alves. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

_____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HIJIKATA, Tatsumi. O Butoh da discípula (carta a Natsu Nakajima). Tradução de Lúcia Yagyu. Traduzido de Sleep and Reincarnation from the Empty Land. In: **Revista do Lume**. Campinas, 1991.

HOMEM com H. Direção: Esmir Filho. Produção: Paris Entretenimento. Brasil, 2025.

LEMEBEL, Pedro. **Poco Hombre**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. Ilha. **Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. 2011, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 541-553, 2001.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIRANDA JÚNIOR, Cláudio. **Autópsia de uma dança: o corpo anti-sistêmico no Butô de Tatsumi Hijikata**. 253 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Ouro Preto, 2021.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 681-693, 2006.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio De Janeiro: Cobogó, 2021.

OLIVEIRA, João Batista Figueiredo; TAKEUTI, Norma Missae. O corpo da bixa e suas ressignificações. **Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN**, Natal, nº 21, p. 145-157, 2017.

OLIVEIRA, Mayllon Lyggon de Sousa; GOMES, Suely Henrique de Aquino; COSTA, Deyvisson Pereira. A Heterotopia do corpo bixa. **Revista Querubim**, Niteroi, vol. 6, nº41, p. 17-24, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Multidões queer**: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, nº 19, janeiro-abril/2011.

_____. **Um apartamento em Urano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RIBELA, Bruno Augusto Soares dos Reis. **Corpo preto e bixa**: intersecções de uma bixa preta. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Dança). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

_____. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de subjetividade**. São Paulo: p.241-252, 1993.

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

WARNER, Michel. **Fear of a Queer Planet**: Queer Politics and Social Theory. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1991.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero**. 1980. Texto apresentado originalmente na *Modern Language Association Convention*, Nova York, 1978.